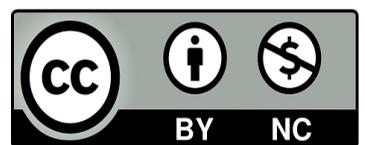


Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Sócio-Econômico
Departamento de Ciências Econômicas

Curso de Graduação em CIÊNCIAS ECONÔMICAS
a distância

Introdução à EaD

ELEONORA MILANO FALCÃO VIEIRA
MARIALICE DE MORAES



V658i Moraes de, Marialice; Milano Falcão Vieira, Eleonora
Introdução à EaD / Eleonora Milano FalcãoVieira, Marialice
de Moraes. – 3.impri. - Florianópolis: Departamento de Ciências
Econômicas/ UFSC, 2011. 90 p.

Curso de Graduação em Ciências Econômicas a distância
ISBN 978-85-7426-089-1

1. Educação a distância. 2. Universidades e faculdades – Currículos.
3. Ambiente virtual de ensino. I. Moraes, Marialice de. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Secretaria de Educação a Distância. Departamento de Ciências Econômicas.
III. Título.

CDU: 37.018.43

GOVERNO FEDERAL

Presidente da República	Dilma Vana Rousseff
Ministro da Educação	Aloizio Mercadante
Diretor de Educação a Distância da CAPES	João Carlos Teatini de Souza Clímaco

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitora	Roselane Neckel
Vice-Reitora	Lúcia Helena Pacheco
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis	Lauro Francisco Mattei
Pró-Reitor de Pesquisa	Jamil Assereuy Filho
Pró-Reitor de Extensão	Edison da Rosa
Pró-Reitora de Pós-Graduação	Joana Maria Pedro
Pró-Reitora de Graduação	Roselane Fátima Campos
Secretária Especial da Secretaria Gestão de Pessoas	Neiva Aparecida Gasparetto Cornélio
Pró-Reitora de Planejamento e Orçamento	Beatriz Augusto de Paiva
Secretário de Cultura	Paulo Ricardo Berton
Coordenadora UAB/UFSC	Sonia Maria Silva Correa de Souza Cruz

CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO

Diretor	Elisete Dahmer Pfitscher
Vice-Diretor	Rolf Hermann Erdman

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Chefe do Departamento	Armando de Melo Lisboa
Subchefe do Departamento	Brena Paula M. Fernandez
Coordenador Geral na modalidade a distância	Marialice de Moraes

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – PRIMEIRA EDIÇÃO

Secretário de Educação a Distância	Cícero Barboza
Gestão Administrativo-Financeira	Vladimir Arthur Fey
Coordenação Geral de Produção	Ana Luzia Dias Pereira
Coordenação de Processos	Fernanda Barbosa Ferrari
Coordenação de Design Gráfico	Victor Américo Cardoso
Revisão Textual	Marcelo Mendes de Souza
Design Instrucional	Agnes Sanfelici
Hiperídia	Rafael Amaral de Oliveira
Projeto Editorial	Max Vartuli
Revisão de Projeto	Steven Nicolás Franz Peña
Editoração Eletrônica	Renata Brandão Miguez
Design de Capa	Max Vartuli
Ilustrações	Steven Nicolás Franz Peña Max Vartuli

EQUIPE DE PRODUÇÃO DE MATERIAL - QUARTA EDIÇÃO

Coordenação de Design Instrucional	Andreia Mara Fiala
Coordenação de Design Gráfico	Giovana Schuelter
Design Gráfico	Fabício Sawczen
Ilustrações	Rafael de Queiroz Oliveira
Design de Capa	Guilherme Dias Simões Felipe Augusto Franke Steven Nicolás Franz Peña
Projeto Editorial	André Rodrigues da Silva Felipe Augusto Franke Max Vartuli Steven Nicolás Franz Pena

SUMÁRIO

UNIDADE 1

Educação a Distância: conceitos,
características e histórico

- 1.1 Conceito, principais características e definições.....9
- 1.2 Histórico..... 14

UNIDADE 2

Educação a Distância no ensino superior no Brasil:
contexto UAB

- 2.1 A Universidade Aberta do Brasil (UAB)23
- 2.2 Marcos legais 27

UNIDADE 3

As mídias na Educação a Distância

- 3.1 O uso de mídias na Educação 37
- 3.2 As mídias e suas características educacionais 40
 - Mídias analógicas e digitais 41
 - Rádio42
 - Televisão44
 - Material Impresso..... 46
 - Teleconferência53
 - Videoconferência.....55
- 3.3 EaD via internet 61

UNIDADE 4

Estudar e aprender em um curso a distância

- 4.1 Aprendizagem73
- 4.2 Dicas e estratégias para aprender e estudar a distância..... 81
- 4.3 Utilizando o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA)..... 84

PALAVRA DO PROFESSOR

Olá! Seja bem-vindo!

Esta disciplina marca o início da sua experiência como aluno de graduação na modalidade a distância. Estudar a distância traz desafios associados às particularidades desta modalidade e, por isso, é importante que você compreenda esta forma de estudar.

Nesse sentido, esta disciplina apresenta a Educação a Distância (EaD), seu histórico, conceitos, legislação, mídias, equipes envolvidas e, ainda, a aprendizagem em cursos a distância. Conhecer o histórico, o conceito e as características da EaD, apresentados na primeira Unidade deste livro, permitirá que você, com um conhecimento mais amplo, entenda como esta modalidade vem se estruturando e se fortalecendo ao longo dos anos, permitindo que alunos como você tenham acesso ao ensino superior de qualidade.

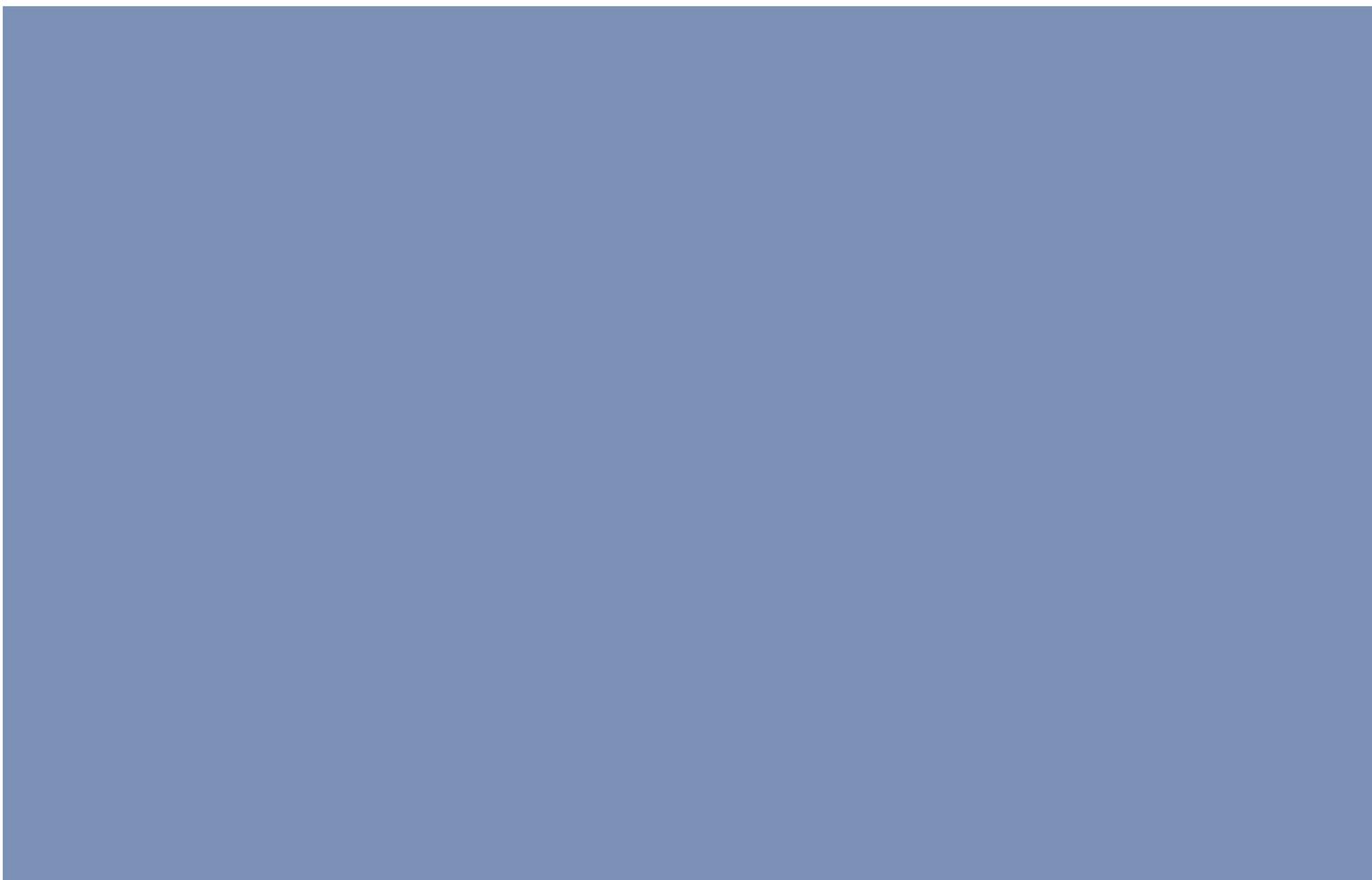
Na Unidade 2, você conhecerá a experiência da Universidade Aberta do Brasil, da qual este curso faz parte, e a sua importância para o fortalecimento do ensino superior a distância no Brasil. Também nesta Unidade você terá acesso a informações sobre a legislação de EaD no Brasil, conhecendo os seus direitos como aluno.

A Unidade 3 apresenta as mídias que podem ser utilizadas para a EaD e quais serão utilizadas neste curso, para que você compreenda suas características e suas formas de aplicação.

As Unidades 4 e 5 destacam a equipe multidisciplinar, característica fundamental da EaD, e o estudar e aprender a distância, permitindo que você se aproprie de conhecimentos indispensáveis para a sua trajetória como aluno de um curso a distância.

Acreditamos que tais conhecimentos são de importância fundamental para que você se localize em relação a esta modalidade de ensino e construa a sua maneira de estudar e aprender a distância, motivando-o para a colaboração e cooperação e preparando-o para o sucesso nos seus estudos!

*Prof^ª. Eleonora
Prof^ª. Marialice*



1

1.1 CONCEITO, PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÕES

Como ponto de partida para o nosso trabalho nesta Disciplina, adotamos o conceito de EaD proposto pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do Decreto 5622, de 19 de dezembro de 2005. Observe:

Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

O conceito formal de Educação a Distância começou a ser construído em função de pesquisas realizadas nos anos 1970 e 1980. Desde então, esta modalidade de educação passou a ser vista a partir das características que a determinam ou por seus elementos constitutivos. As definições foram mudando com o tempo, assim como a maneira de fazer EaD também mudou. Os conceitos que apresentaremos agora representam isso. Veja, por exemplo, a definição proposta por Dohmem (1967, apud KEEGAN, 1996):

- » a Educação a Distância é uma forma sistematicamente organizada de autoestudo;
- » o acompanhamento e a supervisão do sucesso do estudante são levados a cabo por um grupo de professores.

Outra definição é a de Peters (1971 apud NUNES 1993):

[...]a educação/ensino a distância é um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais. Esse método se aplica via o uso extensivo de meios de comunicação, os quais tornam possível instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, enquanto esses materiais durarem. É uma forma industrializada de ensinar e aprender.

A definição de Keegan (1996) resume os elementos centrais dos conceitos elaborados por Dohmem (1967, apud KEEGAN, 1996) e por Peters (1971):

- » separação física entre professor e aluno, que a distingue do ensino presencial;
- » influência da organização educacional (planejamento, sistematização, plano, organização dirigida, etc.), que a diferencia da educação individual;
- » utilização de meios técnicos de comunicação para unir o professor ao aluno e transmitir os conteúdos educativos;
- » previsão de uma comunicação de mão dupla, onde o estudante se beneficia de um diálogo e da possibilidade de iniciativas de dupla via;
- » possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização.

Rekkedal, Paulsen & Fagerberg (2003) atualizam essas características, adequando a relação de Keegan ao contexto da EaD *on-line*, que permite o diálogo em tempo real entre os estudantes, com a realização de atividades colaborativas, derrubando, assim, o quinto ponto destacado pelo autor. Já Garcia Aretio (1994, p.39) define com precisão que:

A Educação a Distância é um sistema tecnológico de comunicação bidirecional, que pode ser massivo e que substitui a interação pessoal, na sala de aula, de professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e pelo apoio de uma organização e Tutoria que propiciam a aprendizagem independente e flexível dos alunos.

Assim, Preti (1996) comenta a definição de Garcia Aretio, destacando os seguintes elementos:

DISTÂNCIA FÍSICA PROFESSOR-ALUNO: a presença física do professor ou do tutor, isto é, do interlocutor, da pessoa com quem o estudante vai dialogar, não é necessária e indispensável para que se dê a aprendizagem. Ela se dá de outra maneira, mediada por tecnologia de comunicação, “virtualmente”.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO E INDEPENDENTE: reconhece-se a capacidade do estudante de construir seu caminho, seu conhecimento por ele mesmo, de se tornar autodidata, ator e autor de suas práticas e reflexões.

PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM MEDIATIZADO: a EaD deve oferecer suporte e estruturar um sistema que viabilize e incentive a autonomia dos estudantes nos processos de aprendizagem.

USO DE NOVAS TECNOLOGIAS: os recursos técnicos de comunicação¹, que hoje têm alcançado um avanço espetacular – correio, rádio, TV, audiocassete, hipermídia interativa, internet –, permitem romper as barreiras das distâncias, das dificuldades de acesso à educação e dos problemas de aprendizagem por parte dos alunos que estudam individualmente, muito embora não isolados e sozinhos. São essas tecnologias que oferecem possibilidades de estímulo e motivação ao estudante, de armazenamento e divulgação de dados, de acesso às informações mais distantes e com uma rapidez incrível.

COMUNICAÇÃO BIDIRECIONAL: o estudante não é mero receptor de informações, de mensagens. Apesar da distância, busca-se estabelecer relações dialógicas, criativas, críticas e participativas.

A expressão **paradigma**, derivada do grego, significa “mostra ao lado – exemplificativo”. Paradigmas educacionais seriam as propostas, de cada época, de como deve acontecer o ensino e a aprendizagem. Ainda há os meios de comunicação principais utilizados para a troca de informações entre alunos e professores; o tipo de instituição de EaD e o próprio contexto histórico-cultural-econômico nos quais os cursos são oferecidos, que pode indicar tanto o perfil de aluno que precisa estudar, quanto os conteúdos e níveis educacionais procurados em cada época.

Se você observar bem, todas essas definições de EaD discutidas anteriormente estão relacionadas entre si e são influenciadas por vários fatores. Entre eles, podemos citar os **paradigmas** educacionais.

Ao longo do tempo, essas definições foram influenciadas por vários paradigmas e pelo uso de diversas **mídias e tecnologias**. Essas distintas fases/definições de EaD acabaram sendo denominadas “gerações de Educação a Distância”.

Entende-se por primeira geração de EaD o momento definido por Dohmem (1967, apud KEEGAN, 1996) em que a EaD era baseada essencialmente no uso de materiais impressos, com a comunicação acontecendo durante o processo de ensino-aprendizagem, via correio. A segunda geração, de

É importante esclarecer as diferenças entre ‘mídia’ e ‘tecnologia’: o termo mídia é utilizado para “descrever uma forma genérica de comunicação associada com modos particulares de representar o conhecimento” (BATES, 1995, p.29). Cada mídia pode ser transmitida por meio de diversas tecnologias.

1. Iremos estudar mais profundamente, na Unidade 3, essas mídias usadas em EaD

Peters (1971), faz parte do momento em que grandes universidades foram criadas na década de 1970, especialmente para oferecer cursos a distância, por rádio e televisão, para um enorme público de alunos. A terceira geração, de Keegan (1996), já inclui o uso de computadores e a possibilidade de uma comunicação entre os participantes acontecer simultaneamente (em tempo real, com transmissão de imagem e som), por meio de videoconferência.

Além destas três gerações, a evolução das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), a criação da internet e da Rede de Alcance Mundial (WWW, em inglês: *World Wide Web*), assim como o aumento da capacidade de transmissão e processamento dos dados, fizeram com que se começasse a pensar em uma quarta e, logo em seguida, em uma quinta geração da EaD. Como propõe Taylor (2003 apud RODRIGUES, 2004, p 53), conforme descrito no Quadro 1:

<p>Quarta Geração (2000)</p>	<p>O aumento da capacidade de processamento dos computadores e da velocidade das linhas de transmissão interfere na apresentação do conteúdo e interações. Acesso a bancos de dados e bibliotecas eletrônicas.</p>
<p>Quinta Geração (2001)</p>	<p>Uso de agentes inteligentes, equipamentos <i>wireless</i> e linhas de transmissão eficientes. Organização e reutilização dos conteúdos.</p>

Quadro 1.1 – Considerações a respeito da quarta e da quinta geração da EaD
Fonte: Rodrigues (2004 p.53).

O que deve ficar claro para você ao observar esta organização da EaD em “gerações”, caracterizadas pelas tecnologias utilizadas, é que uma tecnologia preexistente não foi necessariamente substituída por uma nova tecnologia. Até hoje o material impresso ainda é a base dos cursos a distância no Brasil, seguido pelo Ambiente Virtual Ensino e Aprendizagem. No Anuário Brasileiro Estatístico de Educação a Distância (ABRAEAD, 2006, 2007), constata-se que as mídias mais utilizadas em 2005 na EaD brasileira foram o material impresso (em 84% das instituições, contra 86% em 2006), seguido pelo *e-learning* (com 61% em 2005, que baixou para 56% em 2006).

Na verdade, o mais interessante é que todas essas tecnologias passaram a ser utilizadas em conjunto, de forma integrada, buscando ampliar as oportu-

tunidades de interação e facilitar a aprendizagem dos alunos. Com a chegada das mídias de terceira geração, como a videoconferência, surgiu a possibilidade de ocorrer comunicação em “tempo real” entre os alunos e seus professores distantes: a comunicação síncrona. Bem, antes do surgimento dessas mídias isso não era possível, pois sempre havia uma distância “temporal” entre os envolvidos (o tempo de a atividade do aluno ser enviada, do professor responder e do aluno ter uma resposta) – caracterizando uma comunicação assíncrona.



Você sabe o que é ou já teve a oportunidade de participar de uma videoconferência? Este tipo de mídia é muito importante na EaD, não apenas porque permite que o processo de ensino-aprendizagem ocorra em tempo real, mas também porque proporciona um alto grau de interatividade entre professores e alunos. Veremos, na Unidade 3, mais detalhes sobre as características e o uso da videoconferência na EaD.

Podemos entender que na atualidade existem três formas de Educação (MORAN, 2002):

A presencial – dos cursos regulares, em que professores e alunos se encontram sempre num local físico chamado sala de aula. É o ensino convencional.

A semipresencial – acontece em parte na sala de aula e outra parte a distância, por meio de tecnologias.

A Educação a Distância – pode ter momentos presenciais (ou não); acontece fundamentalmente com professores e alunos separados fisicamente no espaço e/ou no tempo, mas que podem estar juntos por meio de tecnologias de comunicação.

A EaD, como vimos até agora, é uma forma de educação fundamentalmente não presencial que se distingue, sob vários aspectos, da educação presencial. Várias características e propriedades da educação presencial podem não se aplicar, portanto, à EaD. Por isso, um dos problemas frequentemente discutidos na literatura específica sobre educação é o de que a EaD, como uma modalidade educacional, possui características muito distintas das do ensino presencial. Essas distinções, justamente, acabaram por gerar inúmeros preconceitos em relação à Educação a Distância.

Ora, a questão que se coloca no momento é: de onde surge este preconceito? Bem, quando analisamos a evolução do conceito de EaD ao longo da história, percebemos que as suas primeiras tentativas de definição estabeleciam uma comparação imediata com a educação presencial, baseada fundamentalmente na centralidade da figura do professor. A EaD não possui tal centralidade, por exemplo. Sua forma de educação é bem mais flexível. Além disso, na EaD contamos com a figura do tutor que, fundamentalmente, media a relação entre o aluno e o professor. Como a educação presencial é, ainda, a modalidade predominante de ensino no Brasil e a EaD foi sendo definida a partir e em constante comparação com este sistema presencial de ensino, entende-se, ao menos parcialmente, por que a EaD sofreu (e ainda sofre!) críticas e preconceitos infundados.

1.2 HISTÓRICO

Vejamos agora como se deu o desenvolvimento histórico desta modalidade de ensino-aprendizagem. Muitos autores afirmam que a EaD se estabelece como tal a partir do começo do século XVIII, com as primeiras experiências de educação por correspondência. Nas primeiras décadas do século XX, o processo de institucionalização da EaD ganha fôlego, com a oferta de cursos a distância por algumas universidades norte-americanas, como a do estado de Iowa. O registro das primeiras transmissões de cursos via TV, realizadas pela instituição, data de 1934. O tema dos programas variava de noções de higiene oral à identificação de constelações. Só na segunda metade do século XX, surgem instituições voltadas especificamente para a EaD, com a emergência das chamadas Universidades Abertas.

A partir do final da década de 1960, mais especificamente com o estabelecimento da Open University do Reino Unido em 1969, a EaD dá um salto de qualidade com várias ações institucionais na educação secundária e superior.

A Segunda Guerra Mundial foi um “divisor de águas” na história da EaD, pois ao mesmo tempo em que reduziu a velocidade de introdução da televisão, os esforços de treinamento das forças armadas norte-americanas demonstraram o potencial das mídias audiovisuais para o ensino (WRIGHT, 1991 apud MCISAAC; GUNAWARDENA, 1996). O Código Morse, por exemplo, foi utilizado para o treinamento dos recrutas. A partir daí, novos

métodos de aprendizagem passaram a ser experimentados, incorporando os sucessivos avanços nas tecnologias de comunicação.

A partir da década de 1960, a EaD deu um salto de qualidade com a institucionalização de várias ações nos campos da educação secundária e superior, começando pela Europa (França e Inglaterra) e se expandindo aos demais continentes. Esse novo contexto também incentivou a produção acadêmica e a pesquisa na área, passando a haver um investimento na conceitualização e caracterização da EaD.

No Brasil, a experiência pioneira de EaD foi com o uso do rádio, com a criação da Fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, que transmitia programas de literatura, radiotelegrafia e telefonia, línguas, entre outros. O Instituto Universal Brasileiro (IUB), fundado em 1941, marcou o início dos cursos baseados na mídia impressa. Ainda hoje atuando, o IUB é uma empresa privada que oferece Ensino a Distância de caráter supletivo, além de vários cursos profissionalizantes. Em 1939, criou-se o Instituto Rádio Monitor e, logo em seguida, houve as experiências radiofônicas do MEB e do Projeto Minerva.



Visite os *websites* do IUB e do Instituto Monitor, para saber mais sobre os cursos por eles oferecidos:

<http://www.institutouniversal.com.br>

<http://www.institutomonitor.com.br>

Acesso em: 4 dez. 2007

A oferta de cursos superiores a distância inicia-se em 1994, com a Licenciatura em Educação Básica, organizada pelo Núcleo de Educação a Distância do Instituto de Educação da UFMT. Somente em 1996, com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que em seu Artigo 80 aponta para a utilização desta modalidade, a legislação reconhece a EaD para todos os níveis de ensino.



Com o que vimos até agora, percebemos o quanto a EaD evoluiu nos séculos XX e XXI! Para que tenhamos uma dimensão ainda mais precisa desta evolução, relacionamos, nas páginas que seguem, os principais marcos históricos da EaD no mundo nos últimos três séculos. Os eventos mais importantes desta modalidade de Educação no Brasil surgem a partir da segunda metade do século XX. Estas informações constam nos trabalhos de Landim (1997), Bittencourt; Moraes (2000), Hack et al. (2005), Garcia Aretio (2001). Confira! E não deixe de acessar o AVEA desta Disciplina e visualizar a linha do tempo, virtual, que construímos com os dados disponíveis nas tabelas que seguem.

Atividade de Aprendizagem – 1



A EaD, como uma modalidade educacional, possui características bastante distintas do ensino presencial. Essas distinções têm originado muitos preconceitos sobre a EaD. E você, o que acha disso? Acesse o AVEA dessa Disciplina e participe do Fórum Atividade 1. Discuta com seus colegas e tutores o que pensam sobre a EaD.

Atividade de Aprendizagem – 2



Como você viu, nesta Unidade, o desenvolvimento da EaD ao longo do tempo tem sido influenciado pelo uso das tecnologias; vem daí o conceito de “gerações de EaD”. Organize-se em grupo e realize, em conjunto com o tutor presencial, uma pesquisa nas instituições brasileiras listadas no *site* da ABED (www.abed.org.br acessado em 6 dez. 2007). Na sua pesquisa, identifique um exemplo de cada uma destas “gerações”. Disponibilize no nosso AVEA, em um local previamente indicado pelo seu tutor, os resultados da pesquisa do seu grupo.

Saiba Mais



Você pode saber muito mais sobre conceitos, definições e sobre a história da EaD recorrendo às referências colocadas a seguir:

O que é educação a distância, de autoria do professor José Manuel Moran, disponível em:

http://umbu.ied.dcc.ufmg.br/moodle/file.php/117/Nivel_0/Conteudo/O_que_educacao_a_distancia.pdf

“Tempo, espaço e sujeitos da educação a distância” (2002), excelente artigo de Cristiane Nova e Lynn Alves disponível em:

http://www.lynn.pro.br/pdf/livro_tempospaco.pdf

Ensaio sobre a educação a distância no Brasil, de autoria de Maria Luiza Belloni, professora da UFSC, e publicado em **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n 78, p. 117-142, abril/2002. Este ensaio está disponível no endereço:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a08v2378.pdf>

Sobre políticas, estratégias e investimentos no setor de EaD, acesse o *site* do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (ABRAEAD), disponível em:

<http://www.abraead.com.br>

No *site* da Associação Brasileira de Educação a Distância você encontrará inúmeras informações sobre o desenvolvimento da EaD no Brasil e no mundo. Acesse <http://www.abed.org.br> e confira!

Para saber mais sobre a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação acesse o *site* da RNP (Rede nacional de Pesquisa), disponível em:

<http://www.rnp.br/noticias/imprensa/2002/not-imp-marco2002.html>

Sobre o surgimento e a história da internet e da World Wide Web, acesse:

<http://www.w3.org/WWW/> (em inglês)

http://en.wikipedia.org/wiki/World_Wide_Web

Acesso em: 10 set. 2007

Resumo da unidade:

Como você viu nesta Unidade, a EaD não é algo novo e inédito, mas uma modalidade de ensino e aprendizagem já consolidada em todo o mundo, que vem crescendo também no Brasil, especialmente na última década.

A EaD se caracteriza pelo distanciamento físico apresentado entre o aluno e a sua instituição. Muitas vezes, também, entre o aluno e seus colegas de Curso, distribuídos em polos por todo o Brasil. É por isso que o uso de diversas mídias interativas, como o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), é fundamental para a superação deste tipo de distanciamento. São estas mídias que nos aproximam uns dos outros, tornam viável o processo de aprendizagem em EaD, além de permitir que você estude e interaja com os seus colegas, professores e tutores tanto em casa quanto no seu local de trabalho.

Sim! A EaD nos apresenta uma série de vantagens, dentre elas a possibilidade de experimentarmos uma formação mais adaptada (flexível) ao nosso estilo de vida. Porém, ser estudante a distância é também assumir uma série de novos hábitos de aprendizagem para os quais, na maioria das vezes, não fomos preparados. Autonomia e disciplina são fundamentais no processo de aprendizagem dessa modalidade educacional.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, D.F.; MORAES, M. **Fundamentos da educação a distância.** (Apostila do Curso de Especialização para Gestores de Instituições de Ensino Técnico do Sistema SENAI). Florianópolis: LED/PPGEP/UFSC, 2000.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto N° 5622**, de 19 de dezembro de 2005. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de dezembro de 2005.
- GARCIA ARETIO, L. **Educación a distancia hoy.** Madrid: UNED, 1994.
- GARCIA ARETIO, L. **La Educación a distancia:** de la teoría a la práctica. Barcelona: 2001, 328 p.
- HACK, A. C. et al. **Introdução a educação a distância.** Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2005.
- INSTITUTO MONITOR (ABRAEAD). **Anuário brasileiro estatístico de educação a distância.** São Paulo: Monitor Editorial, 2006.
- INSTITUTO MONITOR (ABRAEAD). **Anuário brasileiro estatístico de educação a distância.** São Paulo: Monitor Editorial, 2007.
- KEEGAN, D. J. **Foundations of distance education.** Routledge Studies in Distance Education series. Third edition. London: Routledge, 1996.
- LANDIM, C. M. P. F. **Educação a distância:** algumas considerações. Rio de Janeiro, 1997.
- MCISAAC, M.S.; GUNAWARDENA, C.N. Distance Education. In D.H. Jonassen, ed. **Handbook of research for educational communications and technology:** a project of the Association for Educational Communications and Technology. 403-437. New York: Simon & Schuster Macmillan, 1996.
- MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância?** 2002. Disponível em: < <http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm> > Acesso em 13 abr. 2007.
- NUNES, I. B. Noções de educação a distância. **Educação a distancia**, INED, Brasília, v. 3, n.4/5, dez 1993/abr. 1994. Disponível em: < <http://www.in-telecto.net/ead/ivonio1.html> > Acesso em 20 out. 2007.

PETERS, O. Theoretical aspects of correspondence instruction. In O. MAKENZIE, O ; CHRISTENSEN, E. L. (Ed.). **The changing world of correspondence study university park**. PA: Pennsylvania State University. 1971

PRETI, O. Educação a distância: uma prática educativa mediadora e mediada. In: PRETI, O. **Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso**. Cuiabá: NEAD/IE-UFNT, 1996.

REKKEDAL, T.; PAULSEN, M. F.; FAGERBERG, T. Student Support Systems for Online Education available in NKI's Integrated Systems for Internet Based E-learning. In: **Student Support Services in e-Learning**. European Socrates Program, 2003. Disponível em: < <http://learning.ericsson.net/socrates> > Acesso em 04 nov. 2007.

RODRIGUES, R. **Modelo de planejamento para cursos de pós-graduação a distância em cooperação universidade-empresa**. 2004. 181 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós- Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.



2

2.1 A UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL (UAB)

Nesta seção iremos estudar a Universidade Aberta do Brasil, que representa a convergência de esforços dos participantes do Fórum das Estatais pela Educação e da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). **O principal objetivo da UAB é articular e integrar um Sistema Nacional de Educação Superior em caráter experimental na modalidade a distância, procurando levar educação gratuita e de qualidade aos municípios que não têm acesso a cursos de nível superior.**

Mota e Chaves (2006, p.19) apresentam o que é o projeto Universidade Aberta e sua relevância para o Brasil enquanto um programa de nação. Trata-se de um projeto social, de políticas educacionais inclusivas extremamente relevantes para a agenda do desenvolvimento social e humano do País:

Embora tenha surgido e esteja sendo implementado no atual governo, o Projeto UAB representa mais que um programa governamental; configura-se como programa de nação, ao proporcionar educação superior para todos, com qualidade e democracia, desafio permanente para a construção de um projeto nacional sustentável e inclusivo.

Instituído em 21/09/2004, o Fórum das Estatais pela Educação tem a coordenação geral do ministro-chefe da Casa Civil, a coordenação executiva do ministro de Estado da Educação e a participação efetiva e estratégica das empresas estatais brasileiras. O Fórum busca potencializar as políticas públicas para uma educação inclusiva e cidadã, visando à construção de um novo modelo de desenvolvimento para o País.



Visite o *site* da Universidade Aberta do Brasil para saber mais sobre o que é e como funciona o Fórum das Estatais pela Educação.

<http://www.uab.mec.gov.br/forum.php>

Acesso em 12 out. 2007.

O projeto UAB é, segundo o seu edital,

[...] uma iniciativa do Ministério da Educação, com o intuito de criar as bases para uma universidade aberta e à distância no País, assim entendida como a articulação entre as instituições federais de ensino, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, bem como demais interessados e envolvidos, e que atuará preferencialmente na área de formação inicial e continuada de professores da educação Básica (BRASIL, 2005a).

A implantação da UAB também visa auxiliar a realização do Plano Nacional de Educação, que tem como meta colocar nas universidades, até 2010, 30% da população entre 18 e 24 anos.

A Universidade Aberta do Brasil foi criada em 2005 e regulamentada em 2006, por meio do Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC). O projeto UAB, pioneiro no País, é formado pelo conjunto das instituições federais de ensino superior e os polos municipais de apoio presencial – os quais aportam o espaço físico e infraestrutura necessária às funções didático-administrativas locais dos cursos. Esse empreendimento é organizado com o apoio dos governos municipais e estaduais, constituindo-se, assim, em uma rede nacional voltada tanto para a formação inicial e continuada, quanto para a pesquisa.

O local onde você realizará as atividades presenciais previstas para o seu Curso é um polo de apoio presencial credenciado no sistema UAB. Nele você irá encontrar todos os serviços disponibilizados pela UAB e, além disso, irá conviver com o seu tutor e com os seus colegas de Curso! Por isso, é fundamental que você estabeleça uma rotina de “idas” ao pólo, não restringidas apenas aos momentos de avaliação ou quando houver algum evento de participação obrigatória! Veja, na Unidade 5 deste material, como organizar a sua agenda de estudos.

É importante destacarmos que, embora o foco do programa UAB seja o de atuar como uma forma de ampliação da oferta e de novas linhas de financiamento para a formação de professores da Educação Básica, ele também oportuniza a oferta de cursos como o nosso – Graduação em Ciências Econômicas.

Em cada unidade da federação, por solicitação das prefeituras municipais, foram criados polos de apoio presencial para oferecer a infraestrutura necessária para o atendimento aos estudantes nos momentos presenciais dos cursos. O estudante terá o acompanhamento de um sistema de tutoria para promover “o monitoramento direto do desempenho e do fluxo de atividades, facilitando a interatividade e a identificação de possíveis dificuldades de aprendizagem.” (BRASIL, 2005b).

O projeto UAB tem como referência várias iniciativas, semelhantes às aquelas desenvolvidas em outras partes do mundo, como no Reino Unido, na Espanha, na Índia, na China, entre outros exemplos de universidades abertas que tornam o acesso à educação mais democrático para a população. A oferta de opções e atividades que incorporam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) contribui para a interiorização do ensino superior gratuito e de qualidade no País e justifica os esforços empreendidos nesse projeto.

A abrangência do projeto também merece destaque: serão 297 polos distribuídos pelo Brasil. Na Região Sul, por exemplo, são 10 IFES oferecendo 21 cursos em 108 polos que atenderão 7.700 alunos, ampliando em 64% o número de vagas das IFES brasileiras (BRASIL, 2007; SEEDNET, 2006).



Na época da sua criação, o então Secretário de Educação a Distância, Ronaldo Mota, e o Diretor de Políticas em Educação a Distância do MEC, Hélio Chaves, afirmaram que a UAB se constituía em:

[...] um projeto que propiciará revisão de nosso paradigma educacional, em termos de modernização, gestão democrática e financiamento, e provocará importantes desdobramentos para a melhoria da qualidade da educação, tanto na incorporação de tecnologias e metodologias inovadoras ao ensino presencial quanto nos possíveis caminhos de promovermos educação superior a distância com liberdade e flexibilidade (MOTA; CHAVES, 2006, p.19).

O projeto UAB se configura, assim, como um dos alicerces para tornar a Educação a Distância uma política estratégica na área de Ensino Superior no Brasil, podendo vir a se configurar como um gerador de desenvolvimento, abrindo novas possibilidades para os alunos concluintes e implementando a economia local.



É importante que você entenda como funciona o projeto Universidade Aberta e suas características inclusivas de inserção social. Para tanto, acesse o *site* www.uab.mec.gov.br

Acesso em: 12 set. 2007.

Com esse projeto, as possibilidades da EaD se ampliam, e a formação do professor se torna a chave para a sua realização. Ou seja, uma significativa parcela da sociedade poderá ingressar no ensino superior. Professores, técnicos administrativos e profissionais que atuam no desenvolvimento da EaD deverão estar continuamente investindo nesse tipo de saber específico. A formação continuada, tanto na busca pelo saber quanto na tomada de consciência do próprio fazer pedagógico, lembremos, abre caminho para novos horizontes. Iremos, a seguir, estudar os marcos legais da Educação a Distância no Brasil.

2.2 MARCOS LEGAIS

No Brasil, a EaD surgiu como uma modalidade de ensino-aprendizagem legalmente reconhecida somente em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), aprovada apenas para os cursos supletivos. O movimento para a legitimação da EaD se concretizou com o estabelecimento de um marco legal específico: o Artigo 80 da LDB, Lei 9.394, de 1996. Esta foi a “pedra de toque” para o fortalecimento de programas de grande porte financiados pelo Estado e, também, para a criação de novos projetos, como, por exemplo, o programa Universidade Aberta (MOTA; CHAVES, 2006), no qual este Curso está inserido.

A legislação brasileira sobre EaD, com foco na oferta de cursos superiores a distância, concretiza-se com a sanção do Decreto 5.622, em 20 de dezembro de 2005. O Decreto busca garantir “credenciamento institucional, supervisão, acompanhamento e avaliação para a modalidade de EaD com padrões de qualidade” (MOTA; CHAVES, 2006, p. 17). A elaboração do projeto do Decreto passou por “ampla discussão com a sociedade brasileira, por meio de consulta pública, bem como foi referendado pelo Fórum dos Conselhos Estaduais de Educação e Conselho Nacional de Educação” (MOTA; CHAVES, p. 17, 2006).

Estes são os principais marcos legais da legislação brasileira sobre EaD:

- Art.80 da LDB (Lei 9.394/96), de 1996
- Resolução CES/CNE n. 1/2001, de 3 de abril de 2001 (pós-graduação)
- Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005 (que revoga o Decreto n. 2.494/98)
- Edital 1/2005 - SEED-MEC
- Portaria MEC nº 873/06
- Decreto 5.800, de 08 de junho de 2006

Alguns pontos importantes podem ser destacados no Decreto 5.622, pois trazem implicações significativas para a oferta de cursos superiores, equiparando a EaD ao ensino presencial. Dentre estes pontos, destacam-se:

- » a obediência às Diretrizes Curriculares;
- » a duração dos cursos, que deve ser igual à definida na modalidade presencial para cursos equivalentes;
- » o controle de frequência definido no projeto pedagógico;
- » as transferências, equivalências e aproveitamentos garantidos;
- » o diploma com validade nacional;
- » os resultados dos exames presenciais periódicos, que devem prevalecer sobre os demais resultados obtidos em outras formas de avaliação a distância;
- » a IES com autonomia universitária não necessita de autorizações para ofertar novos cursos superiores;
- » o ato de credenciamento definirá a abrangência de sua atuação no território nacional;
- » a participação dos alunos nas avaliações do [SINAES](#) deve ser simultânea e em igualdade de condições com os alunos presenciais;
- » o reforço da obrigatoriedade dos momentos presenciais para as avaliações, estágios previstos na lei, defesa de trabalhos de conclusão de curso e atividades de laboratório;
- » o credenciamento/recredenciamento das IES para oferta de cursos superiores a distância feito pela União – único e por no máximo cinco anos.

Sistema Nacional de
Avaliação da Educação
Superior.
url: [www.inep.gov.br/
superior/sinaes](http://www.inep.gov.br/superior/sinaes)
(Acesso em: 6 dez. 2007.)

Em relação ao processo de avaliação dos cursos, agora participantes do SINAES, vale destacar o excelente desempenho dos alunos de cursos a distância no Enade. Conforme matéria publicada na Folha de São Paulo, em 10/09/07, o “INEP (órgão de avaliação e pesquisa do MEC) comparou o desempenho dos alunos dos mesmos cursos nas modalidades a distância e presencial. Em sete das 13 áreas onde essa comparação é possível, alunos da modalidade a distância se saíram melhores do que os demais”.

Acesse o AVEA desta Disciplina e leia esta matéria na íntegra.

O Decreto 5.622, de 2005, também estabelece requisitos básicos para o credenciamento das instituições de ensino superior interessadas em atuar na área. Para que uma instituição de ensino possa oferecer um curso de graduação (seja bacharelado ou licenciatura) ou pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado), é preciso que ela apresente:

- » a elaboração de um Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI que contemple a oferta de cursos e programas a distância;
- » projeto pedagógico para os cursos e programas em EaD;
- » a garantia de corpo técnico e administrativo qualificado;
- » um corpo docente com as qualificações exigidas na legislação em vigor e, preferencialmente, com formação para trabalhar com Educação a Distância;
- » a descrição detalhada dos serviços de suporte e infraestrutura adequados à realização do projeto pedagógico, contendo:
 - a) instalações físicas e infraestrutura tecnológica de suporte e atendimento remoto aos estudantes e professores;
 - b) laboratórios científicos, quando for o caso;
 - c) polos de Educação a Distância – unidades operativas – no País ou no exterior – para a ação descentralizada de funções pedagógico-administrativas do curso, quando for o caso;
 - d) bibliotecas adequadas, inclusive com acervo eletrônico remoto e acesso por meio de redes de comunicação e sistemas de informação que funcionem e atendam adequadamente aos estudantes de EaD.

Com estas exigências, fica garantida a qualidade do ensino e dos serviços oferecidos aos alunos, assim como a total equivalência entre a educação presencial “tradicional”, oferecida nos *campi* das universidades, e a Educação a Distância, permitindo que o aluno estude sem sair de seu município.



Agora já é possível compreender como está estruturada a EaD no Brasil. Para mais informações a respeito de suas estruturas e leis, pesquise nos sites disponibilizados no Saiba Mais e no AVEA do nosso Curso. Nosso principal objetivo nesta Unidade é mostrar para você que existe uma legislação específica para a EAD no Brasil e que ela está aí para defender os seus interesses, enquanto cidadão e aluno a distância. Faça valer seus direitos e contribua para o desenvolvimento do ensino de qualidade no Brasil!

Saiba Mais



Para aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre a nova legislação e os projetos do MEC na área de EAD, publicados no Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (2006), pesquise:

Perspectivas para Educação a Distância no Brasil (p.17) e **País reconhece amplitude da Educação a Distância** (p.135), de autoria de Ronaldo Mota e Hélio Chaves. Disponível em:

<http://www.abraead.com.br/> <http://www.uab.mec.gov.br/>

Perguntas e respostas:

<http://www.uab.mec.gov.br/infogerais.php#01>

UAB na Mídia:

http://ab-tbr.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=346&Itemid=2

<http://aprendiz.uol.com.br/content.view.action?uuid=f60a92fb0af470100140984bb7ac7f14>

<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=11420>

Dicas de leitura sobre o projeto UAB:

http://www.abraead.com.br/artigos_ronaldo.html

Para conhecer a legislação na íntegra, acesse o endereço:

<http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=61&Itemid=190>

A Portaria nº 873/06 (MEC) pode ser acessada na íntegra em:

<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/portaria873.pdf>

Endereços acessados em 12 set. 2007.

Resumo da unidade:

Como vimos na Unidade 1, no Brasil a EaD começa a sua expansão no ensino superior na última década, pois a inclusão desta modalidade na legislação brasileira de educação se dá com o artigo 8o da LDB referente à Lei 9.394, sancionada em 20 de dezembro de 1996 e atualmente em vigor. A partir daí, inicia-se um rápido processo de difusão, acompanhado pela criação de uma legislação pertinente, a qual culmina com o Decreto 5.622, em 19 de dezembro de 2005, que concede à EAD o mesmo *status* da educação presencial.

Como você viu, a UAB é uma proposta do MEC para alicerçar a construção de uma universidade aberta no Brasil, permitindo a interiorização e ampliação das vagas de ensino superior e a capilarização do sistema federal de ensino superior. Por isso, a UAB oferece uma oportunidade de acesso para os cidadãos brasileiros que vivem em locais de difícil acesso e/ou onde não existem vagas em instituições públicas.

Atividade de Aprendizagem – 3



Acesse o *site* da UAB – www.uab.mec.gov.br –, veja o menu inferior/ conteúdos mais lidos, clique em “cursos” e selecione uma instituição participante do sistema. Visite o *site* da instituição escolhida e responda às seguintes questões:

- Quantos cursos a instituição está ofertando?
- Com quantos polos ela trabalha?
- Que tipo de mídias utiliza nos cursos?

Anote quaisquer outras informações que você considerar relevante e envie seus resultados para o seu tutor. Abriremos um espaço em nosso AVEA para trocarmos informações sobre as particularidades dos cursos ofertados pelo programa UAB.



IMPORTANTE: Envie ao seu tutor o arquivo com as informações obtidas e não esqueça de armazená-las no computador, CD-ROM ou *pendrive*! Sempre que você enviar algum arquivo de atividades ao seu tutor, salve-o com o seu nome, o nome da disciplina e o número da atividade. Tome como exemplo (e como rotina para gerenciar os seus arquivos!) o seguinte modelo: joão santos_IntEaD_atividade3.doc

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto 5800**, de 08 de junho de 2006a. Diário Oficial da União, Brasília, de 08 de junho de 2006. Disponível em: < <http://www.mec.gov.br> > Acesso em 12 set. 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Edital UAB**. Brasília: MEC/SEED, 2005a. Disponível em: < <http://www.uab.mec.gov.br> > Acesso em 12 set. 2007.

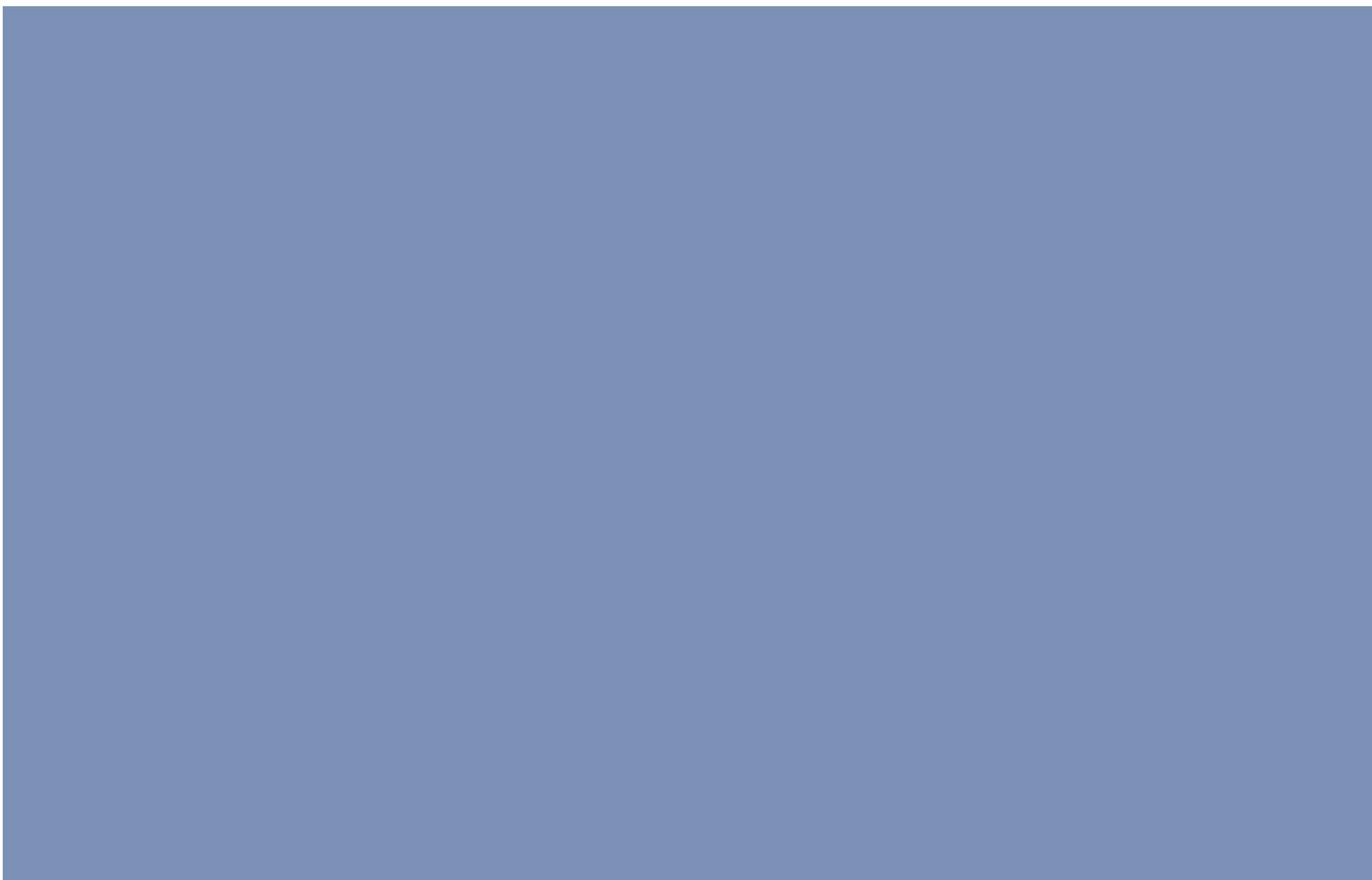
BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SEED. **SEEDNET**. 2006b. Disponível em: < <http://www.seednet.mec.gov.br/principal.php> > Acesso em 26 set. 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Universidade Aberta do Brasil**. Brasília: MEC/SEED, 2005b.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Legislação**. Brasília: MEC/SEED, 2005c. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=61&Itemid=190> > Acesso em 12 set. 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto Nº 5622**, de 19 de dezembro de 2005d. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de dezembro de 2005.

MOTA, Ronaldo ; CHAVES, Hélio. Perspectivas para a educação a distância no Brasil. In: Instituto Monitor (ABRAEAD). **Anuário brasileiro estatístico de educação a distância**. São Paulo: Monitor Editorial, 2006.



3

3.1 O USO DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Quando falamos em mídias na educação, logo pensamos nas mídias eletrônicas (TV e rádio) ou digitais (computadores e videogames). Mas também temos que considerar que “mídias” são tecnologias e podem ser tão antigas que nem nos damos conta.

O exemplo mais simples é o do livro. Uma tecnologia que está tão incorporada na escola que até parece que uma nunca existiu sem a outra. Mas nem sempre foi assim. Você já pensou no livro como uma tecnologia? Então, agora começaremos a refletir sobre o seu uso.

Hoje chamamos de livro a reunião de folhas impressas – presas por um lado e montadas numa capa – contendo informações. Na história da humanidade, no entanto, os livros já foram feitos de barro, de papiro, de folhas de palmeira, de seda, de madeira, e até de pele de carneiro – a matéria-prima do famoso pergaminho. Quando chegou à Europa, vindo da China, o papel foi a matéria-prima para a invenção da imprensa por Gutemberg no século XVI. A partir daí, os livros tomaram a forma que conhecemos. Feitos de papéis costurados e, posteriormente, encapados, passaram a ser produzidos em série por um preço acessível, o que popularizou o acesso ao conhecimento.

E foi com esse formato que os livros passaram a fazer parte da escola moderna. Tanto que o livro escrito especialmente para ensinar, como um manual didático, foi proposto por João Amós Comenius em 1657. Para Comenius, o uso do livro didático seria tão completo que dispensava, inclusive, o domínio do conhecimento do professor. Veja o que ele dizia: os professores

[...] serão hábeis para ensinar, mesmo aqueles a quem a natureza não dotou de muita habilidade para ensinar, pois a missão de cada um não é tanto tirar da própria mente o que deve ensinar, como, sobretudo, comunicar e infundir na juventude uma erudição já preparada e com instrumentos também já preparados, colocados nas suas mãos. (COMENIUS, 1657)



Leia mais sobre Comenius e o livro didático em:

<http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev15/Scaff.html>

Acesso em: 19 set. 2007.

Muita coisa mudou depois do aparecimento do livro didático. Os professores foram deixando de ser a única fonte de conhecimento dos alunos! No entanto, particularmente no caso da Educação a Distância, o livro didático ou material impresso, escrito especialmente para a EaD, continua sendo uma fonte de conhecimento muito importante. Este livro que você está lendo, por exemplo, foi planejado para auxiliá-lo plenamente em seus estudos.

Por outro lado, outras mídias estão sendo incorporadas e utilizadas nas escolas, principalmente mídias audiovisuais e virtuais. Só que a utilização da maioria destas mídias, geralmente, necessita de uma capacitação de professores e alunos, para que todos se “alfabetizem” neste tipo de linguagem audiovisual. Também foi assim com o livro didático. E em muitas escolas continua sendo: professores fazem cursos para aprender a utilizar o material didático periodicamente.

Em relação à incorporação de novas mídias, no caso do professor, o grande desafio não é apenas aprender um novo jeito de ensinar. O maior desafio será abdicar de comportamentos já cristalizados e inventar um novo papel, menos autoritário (e não menos importante) de orientar e motivar a aprendizagem! Essa transformação não será fruto de um trabalho individual, mas de um movimento de mudança da própria sociedade, que irá acontecer conforme forem aparecendo e confrontando-se demandas, resistências e pressões culturais, econômicas e políticas.

Para os alunos, por sua vez, parece ser muito mais fácil entender e utilizar as novas mídias. A televisão, por exemplo, é uma mídia presente em quase todos os lares brasileiros. E todos aqueles que hoje têm menos de trinta anos praticamente já nasceram vendo TV! Sem contar que o computador, os videogames e, mais recentemente, os celulares e câmeras digitais já estão incorporados ao cotidiano desses jovens. E sem exagerar, tem gente hoje (inclusive com mais de 30) que não vive sem eles, não é mesmo?



Você que é jovem (ou nem tanto...), mas que, como nós, vive em meio a essa revolução tecnológica na educação, constantemente bombardeado por informação e “tecnomodismos”... Como você dá conta de tanta informação? Como consegue chegar ao que interessa, sem se perder num oceano de inutilidades e excessos de dados?

Parece não ser muito simples responder a essas questões, mas é. Basta ser crítico, saber “separar o joio do trigo”. E é justamente aí que entra a contribuição do educador. Para os professores, muitas vezes, é preciso aprender a usar as mídias. Para os alunos, é necessário conhecer a linguagem das mídias a fim de não serem ludibriados por elas, por um lado e, por outro, para se tornarem usuários/produtores críticos e criativos. Professores e alunos; adultos, jovens e crianças; todos juntos... Todos nós devemos trocar nossas experiências para construirmos um conhecimento, crítico e eficiente, sobre a utilização e o bom aproveitamento das mais diversas mídias na educação.

No caso da Educação a Distância, o aluno precisa aprender a trabalhar com as mídias à sua disposição, isto é, utilizá-las como ferramentas de estudo e pesquisa. Para tanto, é necessário conhecer “o que é que a mídia tem” em termos de vantagens, limites e possibilidades. No que diz respeito aos professores, entender e aceitar o potencial da mídia em suas aulas pode auxiliá-los na interação com seus alunos e, a partir disso, a estarem mais capacitados para ajudá-los a aprender nesse mundo novo. Para o aluno, é a chance de explorar ainda mais um mundo já conhecido a partir de um lugar novo, o lugar de quem está em processo de aquisição de novos conhecimentos.

3.2 AS MÍDIAS E SUAS CARACTERÍSTICAS EDUCACIONAIS

Os modos de utilização das mídias na escola presencial são os mais variados. É possível, por exemplo, assistir na sala de aula a um programa de televisão gravado ou que está sendo transmitido na hora, produzir um vídeo, criar e colocar no ar um programa de rádio, aprender por um CD-ROM, participar de uma pesquisa colaborativa por meio de correio eletrônico com grupos de estudantes de outras escolas ou lugares espalhados pelo mundo, ou ainda, criar uma página na internet para colocar, por exemplo, o(s) resultado(s) de um projeto de pesquisa de alguma disciplina. Essas aplicações da mídia podem ser feitas dentro de uma sala de aula no ensino presencial ou servirem de base para cursos a distância.

Além do livro ou material impresso, podemos classificar as mídias que são usadas na Educação a Distância em dois tipos: 1) as analógicas ou radiodifusivas e 2) as digitais ou multimídias.

Essa classificação não pode ser entendida ao pé da letra, já que a digitalização dos processos comunicacionais se estende com uma crescente rapidez à produção, transmissão e recepção da mídia de modo geral. Contudo, essa divisão serve para que possamos trabalhar didaticamente com uma imagem simplificada de diferenciação das mídias baseadas na televisão e daquelas baseadas no computador. Não é demais ressaltar que com a tendência de convergência das mídias, em um futuro bem mais próximo do que imaginamos, essa diferenciação entre mídias já não seja mais aplicável.

Vamos observar agora como os diversos tipos de mídia (a partir das características de cada uma) têm um ritmo próprio de produção, além de aplicações e combinações específicas, de acordo com as necessidades a serem atendidas por um curso a distância.

Está claro que um bom material para EaD advém do próprio processo de ensino/aprendizagem mediado por dispositivos utilizados na substituição da interação face a face. Ou seja, um bom material depende, fundamentalmente, da qualidade do projeto pedagógico adotado. Como as opções de mediação são variadas – material impresso, recursos audiovisuais, Ambientes Virtuais de Ensino-Aprendizagem – é interessante observarmos cada uma dessas mídias e analisarmos de que maneira elas podem ser combinadas para que possam ser utilizadas de forma integrada.

MÍDIAS ANALÓGICAS E DIGITAIS

Antes de tudo, é preciso lembrar que uma mídia é um meio de comunicação, um processo, que pressupõe a existência de uma infraestrutura composta de suporte para a sua emissão, a sua transmissão e a sua recepção. Nesse processo, nenhuma das partes pode ser excluída ou descartada.

De maneira bem simplificada, na radiodifusão, por exemplo, a emissão é feita pela emissora de rádio ou TV, a transmissão é feita por uma rede de micro-ondas e a recepção, pela antena de um aparelho doméstico de rádio ou televisão.

A transmissão das mídias analógicas e digitais é realizada sobre os meios físicos (linhas telefônicas, redes de micro-ondas ou de fibra ótica, satélites etc.) que fornecem suporte a uma tecnologia de comunicação. Seu armazenamento (que também pode ser chamado de embalagem) é a maneira como o produto da mídia será manuseado pelo usuário. É o formato da embalagem que permitirá não só o transporte como também a maneira de utilizar o produto simbólico resultante da mídia. Alguns exemplos de meios de armazenamento são o papel, o disquete, a fita de vídeo, o CD-ROM e o *pendrive*.

Com o surgimento da Web, textos escritos passaram a receber sons e imagens. Com isso, a comunicação escrita passou a ser mais “gráfica”, mais audiovisual. Rapidamente “a rede” expandiu-se incontrolavelmente, gerando previsões otimistas de que, no final do milênio, o mundo todo estaria conectado. Exageros à parte – considerando que a grande maioria dos habitantes do globo ainda não possui sequer uma linha telefônica! –, o que já foi feito até agora prenuncia mudanças que ninguém pode prever com certeza.

Certamente uma das áreas mais promissoras para o desenvolvimento de “tecnologias da inteligência” é a educação. Principalmente em função das possibilidades que a multimídia e a hipermídia nos trazem, em termos de enriquecimento do aprendizado, unindo entretenimento, conhecimento e interatividade.

Radiodifusão é a transmissão de uma radiofrequência. As radiofrequências são moduladas em áudio - ondas que se propagam através do espaço, eletromagneticamente. É um meio de comunicação ao qual a maioria da população tem acesso apenas como ouvinte.

RÁDIO

Características

Hoje em dia é possível ouvir rádio em casa, no carro, no computador, no mp3 e até no celular! Mas as características básicas do rádio, como um meio de comunicação, continuam as mesmas, independentemente do suporte que utilizamos para ouvi-lo ou, até mesmo, da qualidade do som. Apesar do seu potencial, o rádio tem sido pouco usado nas escolas brasileiras, mesmo tendo sido um grande veículo de transmissão da Educação a Distância até a década de 1960. Segundo Scheimberg (1995, p. 39-57), o rádio se caracteriza basicamente por seu caráter linear e temporal, unidirecional, unisensorial, heterogêneo e anônimo.



Se você ficou curioso, aproveite e faça uma pausa para consultar um dicionário ou pesquisar o significado destas características do rádio.

Uma emissora de rádio emite sons que são transportados através do espaço pelas ondas sonoras e recebidos na mesma sequência temporal em que foram emitidos, um a um, o que dá a característica de linearidade e temporalidade da mensagem radiofônica. Isso quer dizer que o ouvinte não pode reaver a mensagem que foi transmitida, que chega já ordenada, selecionada, e não se pode escolher nem estabelecer prioridades, ordenar a sequência da informação, nem voltar ou deixá-la para outro momento. As consequências desse caráter linear são: a mensagem efêmera, a redundância e a informação desordenada. Todas devem ser consideradas ao se elaborar a proposta educativa pelo rádio, de modo que se facilite e estimule a compreensão e a reelaboração dos conteúdos.

A comunicação entre as pessoas é bidirecional, ou seja, acontece por meio do diálogo. A mensagem do rádio é unidirecional, ou seja, as possibilidades de inclusão do ouvinte são mínimas e, se acontecem, estão definidas pelo emissor, que dá a oportunidade, limitando-a, dirigindo-a e condicionando-a. O locutor possui o domínio do meio,

conhece a programação e seus objetivos, marca o começo da comunicação com o ouvinte, coordenando-a e encerrando-a.

O rádio pode ser ouvido individualmente em qualquer lugar ou sua audiência pode acontecer em grupo. O fato de a audiência do rádio estar dispersa em um amplo espaço geográfico, pertencente a grupos diferentes em todos os sentidos, define sua característica heterogênea. A possibilidade de participar da audição radiofônica por telefone, carta, ou mesmo pessoalmente, faz com que o receptor passe algumas vezes a ser, também, um emissor. Isto, porém, não é regra. Na maioria dos casos, o ouvinte permanece no anonimato. Isso acontece porque o emissor pode se tornar conhecido em alguns aspectos, mas não o ouvinte, que permanece anônimo. A voz do locutor chega diretamente ao ouvinte como se fosse dirigida a ele pessoalmente, individualizando a comunicação. Por apenas transmitir sons, o rádio dá relevância à capacidade imaginativa de quem escuta. O ouvinte não conhece, não vê, nem pode responder ao interlocutor, mas complementa a mensagem com tudo o que lhe incorpora de sua imaginação e emoções. Essa dimensão imaginativa cria uma forte ligação afetiva. Por essa razão, o rádio é rico em sugestão, o que facilita a adesão e a identificação afetiva mais do que a intelectual.

O potencial educativo do rádio passa pelo uso da própria programação aberta em forma de recepção crítica, mas também está relacionado à produção de programas. Estes podem ser produzidos e apresentados para o grupo em sala de aula ou transmitidos por meio de circuitos internos para toda a escola.

Uso do rádio na EaD

No modelo da UAB, o rádio não é usado como mídia de transmissão. Mas nada impede que produtos em áudio possam ser gravados e compartilhados nas aulas presenciais, ou publicados nos AVEAs das disciplinas do seu Curso (em arquivos de som).

TELEVISÃO

Características

A televisão e o vídeo, em termos de conteúdo e forma, podem ser citados conjuntamente. A diferença é que o vídeo armazena o conteúdo da televisão e do cinema e também de outras produções, profissionais ou não. O fato de ser uma embalagem que permite portabilidade faz com que o vídeo seja utilizado de maneira diferente da televisão, que está continuamente no ar. Hoje em dia, os videocassetes estão desaparecendo e é cada vez mais comum que as pessoas assistam em casa a filmes em DVD. Por outro lado, câmeras digitais permitem que se gravem imagens e sons, que podem ser reproduzidos num aparelho de DVD doméstico, diretamente copiados em um CD ou depois de serem editados no computador. Para facilitar, vamos chamar de vídeo o suporte que armazena um produto audiovisual que pode ser transportado e reproduzido quantas vezes se queira.

Em termos de conteúdo estilístico e narrativo, tanto a TV como o vídeo são bastante semelhantes, suficientes para serem descritos como uma linguagem que explora basicamente o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais. Esse ver é entrecortado, através dos planos e ritmos visuais. Os diálogos expressam a fala coloquial, enquanto o narrador, ao vivo ou em *off*, “costura” as cenas, as outras falas, dentro da norma culta, orientando a significação do conjunto. A narração falada ancora todo o processo de significação. A música e os efeitos sonoros servem como evocação, lembrança, ilustração e criação de expectativas, antecipando reações e informações.

Televisão e vídeo também são escritos. Os textos, legendas e citações aparecem cada vez mais na tela, principalmente nas traduções (legendas de filmes) e nas entrevistas com estrangeiros. A escrita na tela hoje é feita com textos coloridos, de vários tamanhos e com rapidez, fixando ainda mais a significação atribuída à narrativa falada. Assim, o que se vê na televisão e no vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita.

Moran (2002) afirma que a TV e o vídeo encontraram a fórmula de comunicar-se com a maioria das pessoas, tanto crianças como adultos, em um ritmo cada vez mais alucinante. A televisão usa uma linguagem concreta, plástica, de cenas curtas, com pouca informação de

cada vez, com ritmo acelerado e contrastado, multiplicando os pontos de vista, os cenários, os personagens, os sons, as imagens, os ângulos, os efeitos. Os temas são pouco aprofundados, explorando os ângulos emocionais, contraditórios, inesperados. Passam a informação em pequenas doses (compactas), organizadas em forma de mosaico (rápidas sínteses de cada assunto) e com apresentação variada (cada tema dura pouco e é ilustrado com imagens, muitas vezes acompanhadas de música).

As mensagens dos meios audiovisuais exigem pouco esforço e envolvimento do receptor. Este tem cada vez mais opções, mais possibilidades de escolha (controle remoto, canais por satélite, por cabo, escolha de filmes nas locadoras, *sites* com produções audiovisuais na internet, videogames). As mensagens são dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que à razão. A linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste na afetividade com um papel de mediação primordial no mundo, ao contrário da linguagem escrita, que desenvolve mais o rigor, a organização, a abstração e a análise lógica.

Uso da televisão na EaD

A televisão pode ser utilizada no Ensino a Distância para a transmissão de programas educativos em rede aberta ou via satélite, ao vivo ou gravados. A chegada da TV digital às escolas vai permitir que alunos e professores não só assistam, mas também produzam e transmitam conteúdos nos canais educativos que estão sendo implantados. Mas também é possível usar a televisão na internet como um recurso de transmissão.



Procure enriquecer seu aprendizado assistindo aos mais diversos vídeos publicados na internet. Visite alguns *sites*, como o <http://www.youtube.com> e o <http://www.myspace.com>, que permitem a publicação de pequenos filmes produzidos pelos usuários. Nestes endereços, você vai encontrar muitos vídeos bons, entrevistas das mais diversas, aulas e discussões interessantíssimas sobre temas da atualidade. Basta saber separar “o joio do trigo”! Assista, divulgue o que você encontrou de bom! E aproveite para compartilhar seu conhecimento publicando seus vídeos, aquela aula que você adorou, um comercial que figure como um exemplo perfeito de uma temática que você esteja estudando, etc.

Acesso em: 19 set. 2007.

MATERIAL IMPRESSO



As duas mídias apresentadas anteriormente não estão diretamente ligadas ao seu curso. Leia agora o que disponibilizamos a respeito de material impresso e baseie-se no material que você recebeu para analisá-lo e confrontá-lo com as teorias aqui colocadas.

Características

Mesmo com todas as inovações hoje utilizadas na Educação a Distância, geralmente cursos a distância são acompanhados de apostilas impressas. Veras (2001) comenta que, da mesma forma que o computador não eliminou o papel, as novas tecnologias não eliminaram o impresso. **Nos seus mais diversos formatos – como guia de estudo, livro-texto, livro de exercícios, estudo de caso, entre outros –, o material impresso continua a ter uma função-chave na EaD.** Muito frequentemente ele não figura apenas como um “material de apoio”. Não raro (e em lugares distantes, com pouco acesso a redes informatizadas

de ensino), o material impresso pode ser a única mídia a que o aluno terá acesso em um curso a distância.

A produção do material impresso é feita normalmente dentro de uma linha de montagem. Na verdade, em um longo processo de desenvolvimento, que envolve uma equipe formada por profissionais das mais variadas áreas. Há o conteudista (ou professor responsável pela criação do conteúdo); os tecnólogos educacionais e designers instrucionais (que fazem o desenho e a estrutura do conteúdo); os redatores e editores do texto final; programadores gráficos; especialistas em comunicação; e especialistas em meios técnicos para a produção do material impresso.

Dentro da equipe, o professor conteudista é o responsável pela escolha do que será transformado em texto. Ao conteudista é muitas vezes pedido que escreva uma apostila básica que vai gerar o texto final que será, depois, trabalhado pela equipe citada. No entanto, é cada vez mais comum que os conteudistas também escrevam diretamente para a EaD e entreguem seus textos prontos para receberem apenas o trabalho de preparação gráfica. As etapas básicas de elaboração do material didático são, conforme Landim (1997):

- » estabelecimento do programa;
- » definição dos objetivos;
- » redação dos conteúdos específicos;
- » redação pedagógica dos conteúdos;
- » digitação do texto;
- » ilustração;
- » revisão pedagógica;
- » arte-finalização;
- » revisão final técnica e pedagógica;
- » validação e
- » impressão gráfica.

Neder e Possari (2001) destacam quais são os componentes, a função pedagógica e a função motivacional do material impresso. Além destes

componentes, a flexibilidade também é uma característica particular deste tipo de material, que conta muito para o seu uso na EaD. O Quadro 1 representa esta caracterização elaborada pelas autoras; observe:

COMPONENTES DO MATERIAL IMPRESSO	FUNÇÃO PEDAGÓGICA	FLEXIBILIDADE	FUNÇÃO MOTIVACIONAL
Textos escritos especialmente para EaD.	Promover o diálogo entre professor/aluno/tutor.	Meio mais flexível e econômico.	Ritmo próprio de estudo.
Itens suplementares: tarefas, ilustrações, desenhos, fotos, mapas, cartas, revistas, periódicos e avaliações.	Complementar e aprofundar o processo de leitura do aluno.	Necessita de planejamento com bastante antecipação.	Perguntas para auto-avaliação; promover reforços dos conteúdos.
Indicações bibliográficas.	Estimular o aluno para a pesquisa; ensinar elementos teóricos que possibilitem a ampliação de conhecimento pelo aluno; contribuir para a autonomia intelectual do aluno.	Possibilita fazer a revisão do material; ajusta-se às características do aluno/leitor.	Desenvolver autonomia intelectual; estimular a busca de mais informações.

Quadro 3.1 – Principais características do material impresso na EaD
Fonte: Neder e Possari (2001.)

Um dos métodos mais utilizados como base para a redação do material impresso é o da conversação didática guiada ou orientada, de Holmberg (1995). A premissa do autor é a de que o sucesso da aprendizagem acontece quando é criada uma relação afetiva por meio de um texto escrito em forma de diálogo motivador, amistoso, que abra espaços para uma comunicação bidirecional entre professor e aluno.

A comunicação bidirecional é o que acontece, por exemplo, com a entrega das tarefas e dos comentários dos professores sobre o trabalho dos alunos a partir do que é construído dentro do texto, que, segundo Holmberg (2005), deve ser estruturado de tal modo que lembre uma conversação dirigida. Para isso, desde o início, no texto deve-se deixar claro quais são os objetivos instrucionais e estabelecer uma relação amigável com o aluno, indicando a estrutura que ele vai encontrar pela frente.

Veras (2001) nota que um dos equívocos frequentes na produção de material impresso para EaD é organizar os textos em uma estrutura linear, acreditando que os alunos vão começar a ler pelo começo do documento e seguir sua leitura até o final. Bem, na verdade, não é isso que acontece. Ler, fundamentalmente, não é um processo linear. Ao nos colocarmos diante de um texto, costumamos ler certas partes, pulamos outras e voltamos para o início para buscarmos alguma informação específica. Por essa razão, é preciso ter uma estrutura de acesso bem clara e definida, que facilite a navegação do leitor no material impresso.

Vale lembrar que o material impresso, assim como vários hipertextos multimídia, abre possibilidades de leituras em diversas direções. De forma alguma a leitura, nestes casos, pode ser baseada na (e pela) linearidade.



No Programa UAB, o material impresso tem a função de acompanhar o aluno, complementando o conteúdo do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem. Observe, no material que você está utilizando, que tanto a estrutura quanto a formatação foram elaboradas para facilitar a sua aprendizagem e levar você a interagir com as demais mídias utilizadas no seu Curso.

Uso do material impresso na EaD

As vantagens do uso de material impresso na EaD são muitas. Aretio (1994) ressalta algumas das principais:

- » familiaridade;
- » adaptabilidade ao ritmo de leitura dos alunos, que podem selecionar e aprofundar o que querem ler;
- » facilidade de navegação, já que o acesso a partes específicas do texto é rápido e conveniente.

Há também uma série de outras vantagens. O material impresso é muito mais fácil de ser distribuído em territórios vastos como o brasileiro. Diferentemente das transmissões televisivas ou radiofônicas,

que necessitam de horários preestabelecidos para a sua veiculação, o conteúdo de um livro sempre poderá ser acessado a qualquer hora e em qualquer lugar. A sua utilização não requer qualquer tipo de equipamento especial e a sua tecnologia de produção é conhecida pelos seus usuários. Além disso, seu custo unitário é relativamente baixo, em relação à grande quantidade de conteúdo por ele apresentada.

As características gerais de um bom material impresso especialmente formatado para a utilização na Educação a Distância, conforme Aretio (1994), seriam:

- » ostentar máxima qualidade científica;
- » adequar-se ao nível, índole ou características do curso em questão;
- » ajustar-se às características previsíveis do grupo destinatário;
- » ser altamente flexível para se adaptar aos contextos, níveis, estilos e ritmos diferentes de aprendizagem e
- » finalmente, orientar e propiciar sempre a aprendizagem autônoma de um aluno, que está distante da orientação face a face com o professor.



Leia o artigo “Características de um bom material impresso para Educação a Distância (EaD)”, de Maria Umbelina Caiafa Salgado, disponível no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/EaD/pgm3.htm>

Acesso em: 24 set. 2007.

Lembremos que o processo de aprendizagem dos alunos é facilitado quando o conteúdo é significativo e relacionado com o seu projeto de vida, não é mesmo? Por isso, para compreender os requisitos de um bom material impresso para EaD, é necessário partirmos da análise do processo de ensino e aprendizagem tal como ele ocorre na educação presencial, em que o calor humano e a possibilidade de observação direta facilitam:

- a sensibilização dos alunos para o que vai ser ensinado/aprendido;
- a apresentação do conteúdo e sua organização lógica;
- a percepção imediata pelo professor de qualquer problema quanto à compreensão do que está sendo focalizado;
- a pronta correção de enganos e erros;
- a informação ao aluno sobre seus acertos e dificuldades;
- a proposição de atividades complementares ou de reforço.

Na comunicação a distância, Perez e Castillo (1991) acreditam que o docente atua como mediador pedagógico entre a informação e a aprendizagem dos alunos. Segundo os autores, a mediação pedagógica acontece através dos textos e por meio de outros materiais colocados à disposição do aluno. Materiais estes que precisam passar por tratamento a serviço do ato educativo.

Assim, a mediação pedagógica deve se manifestar sob vários aspectos. No tratamento temático, por exemplo, ela se manifesta a partir de um conteúdo pensado para esse objetivo, colocando a informação acessível, clara e bem organizada em função da autoaprendizagem. No tratamento pedagógico, esta mediação se realiza em função de um propósito claro: fazer com que a autoaprendizagem se converta em um ato educativo e se manifeste através de exercícios que enriqueçam o texto, buscando referências na experiência e no contexto do educando. Já o tratamento formal da mediação pedagógica dá-se por meio dos recursos expressivos elaborados no material impresso. Dentre estes recursos, destacam-se a diagramação, o tipo de letras adotado (tipografia), as ilustrações, entre outros.

O material impresso que você está utilizando nesta Disciplina, assim como os outros que acompanharão todas as disciplinas do seu Curso, foi elaborado seguindo esses parâmetros que vimos até agora. Observe nas figuras que seguem as principais formatações que revelam esses cuidados.

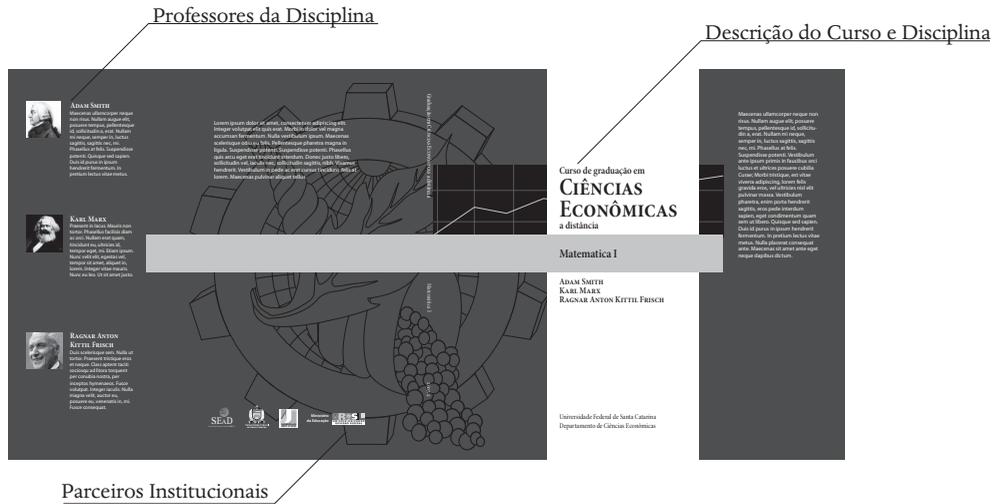
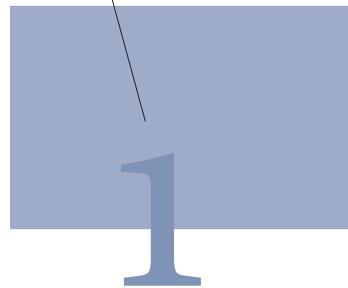


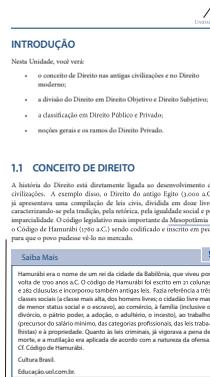
Figura 3.1 – Formatação do material impresso: capa e contracapa

Aberturas de capítulos: sempre estarão posicionadas em uma página par, e são compostas do número do capítulo.

Cabeçalho: dispostos na parte superior das páginas, contendo o título do livro nas páginas pares e número das unidades nas páginas ímpares



Escolha tipográfica: seleção de tipos e tamanhos de fonte que evitam o cansaço visual do leitor.



Respiro: espaço destinado a anotações dos alunos.

Glossários: explicações sobre siglas e conceitos que devem ser enfatizados.

Chamadas: conteúdos em destaque, como comentários dos professores, links, etc.

Figura 3.2 – Formatação do material impresso: capítulos, escolha tipográfica e cabeçalhos

TELECONFERÊNCIA

Características

A teleconferência é um programa produzido em um estúdio de televisão e recebido, via rede aberta, por parabólicas sintonizadas em canais que viabilizam o sinal adequado para a sua transmissão.

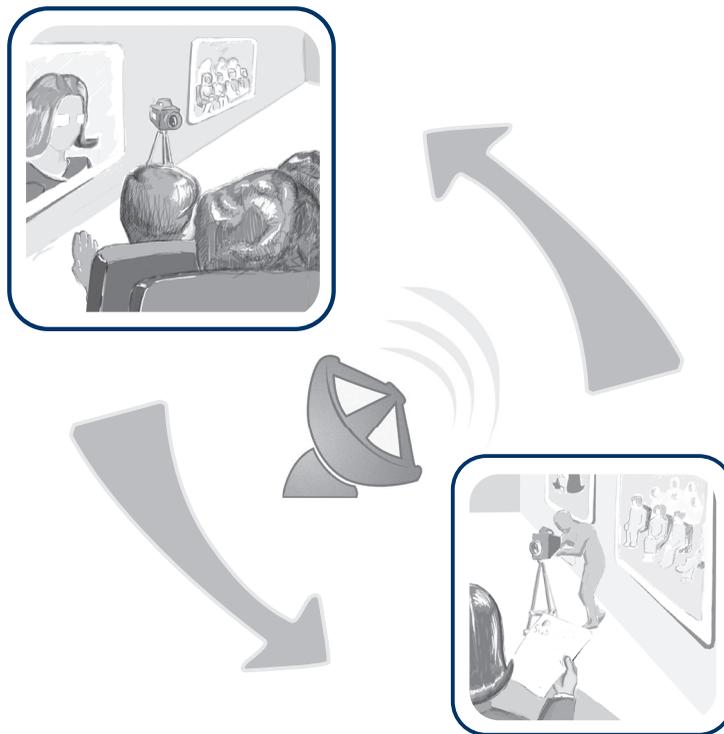


Figura 3.3 – Teleconferência: produção, transmissão e audiência

Apesar de poder ser realizada das mais variadas maneiras, o formato mais comum de uma teleconferência é o de palestras ou debates de especialistas, com a transmissão de som e imagem simultâneos, que permitam a participação da audiência no mesmo momento do programa, geralmente para perguntas ou opiniões, por meio de áudio (telefone), fax ou *e-mail*. Os mesmos critérios de qualidade que se aplicam à produção de programas televisivos também se aplicam às teleconferências. O desenvolvimento técnico e a linguagem adotada em teleconferências, notadamente, seguem parâmetros característicos da produção televisiva.

A teleconferência pode ser realizada como um programa único ou, o que é mais comum, fazer parte de uma série de programas dentro de uma temática determinada, com horários predeterminados e conhecidos pela audiência, para que todos possam assistir. Estes programas também podem ser assistidos pelo AVEA, durante ou depois da sua realização.

Seu uso no ensino tem como função permitir que alunos obtenham educação e treinamento em sua própria comunidade, em ambientes alternativos (escola, local de trabalho, residência), sem a necessidade de deslocamento para a aprendizagem. Uma das suas maiores vantagens, certamente, é poder ter contato com *experts* mundiais, situados em qualquer ponto do Brasil (e do mundo) e interagir com eles ao vivo!

Uso na EaD

Geralmente realizada por satélite, a teleconferência pode ser usada na Educação a Distância quando se pretende alcançar uma grande população dispersa por um largo território. Sua função, num programa de Ensino a Distância, pode ser a de difundir ou levantar questões, ou ainda esclarecer dúvidas que interessem de uma vez só a um grande número de alunos. A transmissão pode anteceder ou ser complementada com apostilas escritas, fitas de vídeo ou outros tipos de material didático. A recepção pode ser feita de forma aberta ou controlada, individualmente, ou em grupos localizados em telepostos, com a presença de tutores que animam a discussão levantada pela teleconferência.

No caso da UAB, e do nosso Curso especificamente, a teleconferência não faz parte das mídias utilizadas. Mas sempre é possível, nos polos, fazer parte de uma teleconferência, já que as salas podem ser equipadas com aparelhos de TV a cabo ou parabólicas para receber programas via satélite.

VIDEOCONFERÊNCIA

Características

Como você viu, a teleconferência consiste na geração de palestras via satélite, apresentações de expositores ou aulas com a possibilidade de interação por meio de fax, telefone ou internet. As teleconferências são transmitidas ao vivo, para um largo número de pontos geograficamente dispersos em um território.

Já a videoconferência, também transmitida ao vivo, é o meio de comunicação que mais se aproxima da situação convencional da sala de aula, porque possibilita a conversa em duas vias, permitindo que o processo de ensino/aprendizagem ocorra em tempo real (*on-line*) e possa ser interativo, com transmissão simultânea de imagem e som. Ao mesmo tempo em que o professor explica um conceito, pode acrescentar outros recursos pedagógicos, tais como gráficos, projeção de vídeos, pesquisa na internet, imagens bidimensionais em papel ou transparências, arquivos de computador, etc. O sistema permite ainda que o aluno das salas distantes possa tirar suas dúvidas e interagir com o professor no momento da aula, utilizando os mesmos recursos pedagógicos para a comunicação.

A sua transmissão pode acontecer tanto por satélite, como pelo envio dos sinais comprimidos de áudio e vídeo por linhas telefônicas. Professores e alunos se comunicam pelos microfones e se veem nos monitores que mostram as imagens captadas pelas câmeras que fazem parte do sistema. A videoconferência pode ter dois formatos: *desktop* ou sala. O *desktop* refere-se à comunicação pela internet por meio de uma pequena câmera (*webcam*) e de um microfone acoplado a um microcomputador. A sala de videoconferência pode ter um formato semelhante ao de uma sala de aula tradicional, com as cadeiras dispostas em fileiras voltadas para frente da sala, onde, em geral, fica a mesa com os periféricos e os monitores de TV.

Uso na EaD

A Educação a Distância por videoconferência pode ser considerada uma alternativa de formação profissional, tanto para empresas que querem treinar seus empregados, como para instituições educacionais que querem capacitar seus professores. Em termos de vantagens econômicas,

a videoconferência permite dispensar treinamento diretamente no local de trabalho ou nas instituições educacionais que possuam o equipamento necessário. O uso da videoconferência reduz os custos de transporte e de alojamento, além de evitar os deslocamentos, tanto de alunos como de professores, e a necessária substituição dos que saem para estudar.

No caso da sala voltada apenas para a transmissão, o equipamento de videoconferência e os periféricos são colocados de frente para um monitor de TV, que tem acima dele a câmera da sala. O objetivo é permitir que o professor ou palestrante tenha todos os recursos audiovisuais à sua disposição, sem que tenha que se mover para isso.

O tipo mais simples de videoconferência é o que liga duas salas, ou **ponto a ponto**. Ou seja, as pessoas de cada sala veem as de outras salas, e a comunicação acontece diretamente, após a conexão ter sido realizada. A comunicação é bastante facilitada, já que todos podem ver e ser vistos, e ouvir e ser ouvidos por todos os participantes, como representa a figura que segue

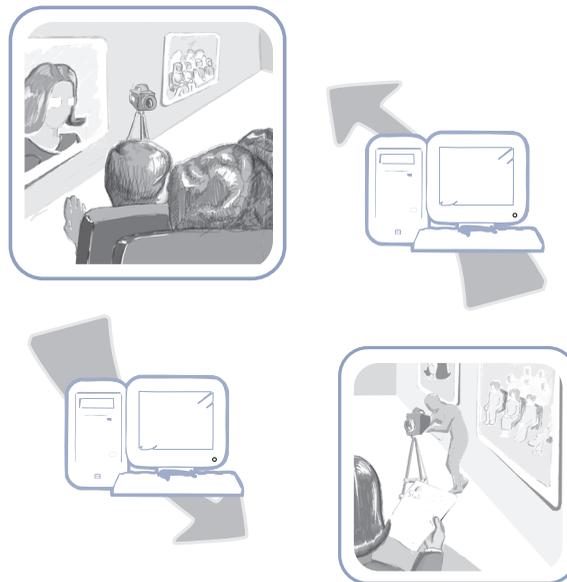


Figura 3.4 – Videoconferência ponto a ponto

A videoconferência **multiponto** permite realizar uma reunião com um grande número de salas interligadas. A pessoa que fala tem sua imagem enviada para todas as outras salas. Por não poder ver todas as salas ao

mesmo tempo, o professor precisa interagir de maneira dinâmica com todos os alunos, de modo que não perca o contato com eles, principalmente os mais calados ou menos participativos. Mais que o ponto a ponto, o multiponto traz uma série de complicações tanto técnicas quanto pedagógicas, que crescem conforme o aumento do número de salas conectadas.

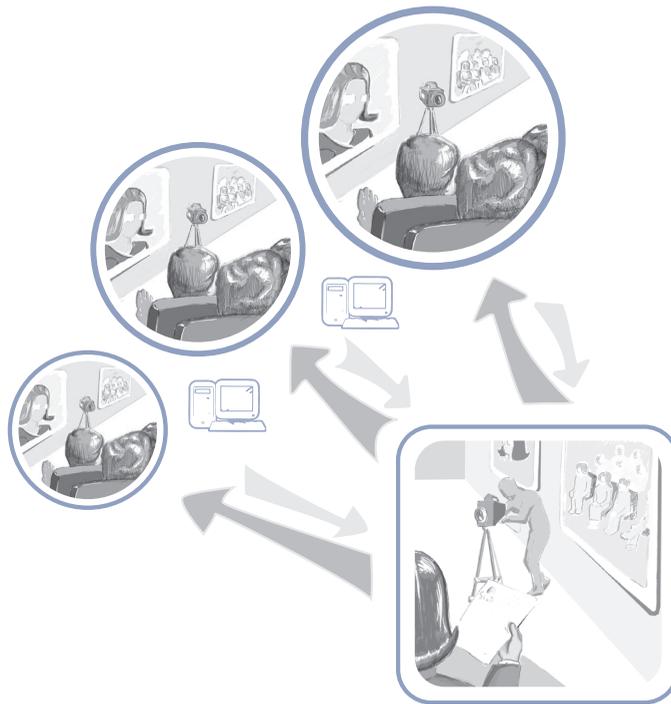


Figura 3.5 – Videoconferência multiponto

Nos polos da UAB, a videoconferência faz parte da infraestrutura básica das salas de aula. Por essa razão, ela poderá ser usada em diversas situações, geralmente em multiponto.

Na Educação a Distância da UAB, a videoconferência tem uma função importante: a de socialização de ideias e do espaço de diálogo. Os professores vão poder apresentar suas ideias em uma sessão com todas as turmas da disciplina ou com algumas salas de cada vez. Também vai ser possível planejar algumas sessões interativas, por exemplo, para esclarecimento de dúvidas ou apresentação de trabalhos e/ou seminários. Os professores também poderão acompanhar os exames a partir da tela da TV e, se for o caso, esclarecer dúvidas no mesmo momento da prova.



É importante saber que quanto mais salas e mais alunos participarem de uma videoconferência, menos interação haverá e vice-versa. Imagine o cenário de uma videoconferência com muitos alunos participando ao mesmo tempo: menor será a oportunidade de todos falarem.

Nas aulas por videoconferência, o som e a imagem merecem atenção especial. O som é fundamental porque é o modo de se comunicar com os outros participantes da aula. A qualidade da voz está relacionada à proximidade do falante ao microfone. Ou seja, quanto mais perto do microfone você falar, melhor será a qualidade do som transmitido. Por isso, é preciso tomar cuidado com o modo como se fala, sem gritar nem falar muito baixo. Sempre é bom lembrar que falar ao microfone representa uma situação embaraçosa para a maioria das pessoas, mas na Educação a Distância é preciso perder a vergonha e participar! No começo é mais difícil, mas, conforme as experiências vão se sucedendo, é comum que tanto os alunos como os professores fiquem mais à vontade. Com o propósito de facilitar a conversa, provavelmente o professor vai combinar com os alunos algumas regras de som e silêncio, para que todos saibam como participar da aula.

Assim como no ensino presencial, na EaD também existem regras para participação em discussões. Nas videoconferências, essas regras dependem do professor: se ele vai abrir espaço para perguntas a cada intervalo de tempo, se prefere ser interrompido a qualquer momento em que surjam dúvidas. Também é possível definir os procedimentos durante apresentações ou participações mais estruturadas dos alunos. De qualquer modo, como regra básica, o microfone deve ser sempre desligado quando não estiver sendo usado, para evitar um desagradável efeito de eco, principalmente em aulas multiponto. Assim, enquanto o professor fala, os alunos permanecem em silêncio (com o microfone mudo), e vice-versa. E sempre é bom se identificar na hora de falar, para que todos, com o tempo, conheçam os colegas pelos seus nomes.

É importante que a imagem, em uma videoconferência, seja boa. Na sala de aula, vai ser possível controlar a câmera que mostra os alunos. Quem vai fazer esse papel é o técnico ou, talvez, o tutor queira assumir

essa função. É bom que a turma saiba como funciona o equipamento e combine com o técnico ou com o tutor como será mostrada a sala. Cada vez que um aluno falar, é fundamental que ele fique bem visível para o professor e para os outros colegas de outras salas remotas. Aliás, essa combinação é fundamental para que as sessões sejam bem organizadas e produtivas e compensem o esforço de se dirigir até a sala de aula.

Na sala de aula da UAB, também vai estar disponível um computador, que pode ser usado nas sessões de videoconferência. Muitas salas de videoconferência possuem ligação com a internet. Essa facilidade permite que tanto o professor como os alunos possam incluir, durante a aula, a apresentação de páginas da rede, *softwares*, jogos, demonstrações, arquivos, etc. No entanto, antes é preciso testar a visualização do material que se pretende utilizar para as salas remotas, já que a definição da tela da televisão, em geral, não é a mesma do computador.

O uso de programas de *software* gráfico como recurso didático é muito eficaz na videoconferência. Por isso, se o professor abrir espaço para seminários ou apresentação de trabalhos dos alunos, é bom estar preparado. *Slides* produzidos em programas como o PowerPoint ou CorelDraw podem ser apresentados através do computador ligado diretamente no sistema de videoconferência, sem necessidade de imprimir ou copiar em papel. Esses mesmos arquivos podem ser publicados no ambiente de aprendizagem, antes ou depois da apresentação, para que sejam socializados com o professor e com os colegas.

Dicas para a formatação de material a ser utilizado em videoconferências

Quando você for fazer uma apresentação (em PowerPoint) em uma aula por videoconferência, procure seguir estas dicas de formatação:

- ao configurar as páginas, use a opção “Paisagem” para suas apresentações;
- cuidado com as cores dos seus *slides*. Use tons contrastantes: para o fundo, use preto ou azul ou verde escuro; para a frente ou texto, use branco, cinza pálido ou tons de amarelo. Não use tons de vermelho, eles “rasgam” na tela. Amarelo é uma ótima cor para destacar/iluminar o texto;

- use um estilo sem serifa. As fontes mais legíveis são: Arial, Futura, Lucida, Verdana e Officina;
- use negrito para enfatizar palavras;
- não use itálico (exceto para nomes científicos);
- evite a utilização de maiúscula em toda a palavra;
- utilize uma fonte maior do que 32 pontos para títulos. Utilize uma fonte maior do que 22 pontos para o texto principal. Coloque no máximo sete palavras por linha e sete linhas por *slide*;
- evite embaralhar texto e imagens;
- seja breve;
- dê espaço entre as linhas para maior legibilidade e
- cheque a ortografia.

Essas dicas vão ajudar para que todos visualizem, sem dificuldade, o que vai ser mostrado. Uma outra maneira de tornar mais dinâmica e agradável uma apresentação pela videoconferência é alternar a imagem do computador para os apresentadores, mostrando a imagem da tela para ilustrar o que a fala está dizendo, mas não o tempo todo. É mais interessante ver de vez em quando o rosto de quem está falando.



Agora que você conhece como é produzida e quais são as principais características da videoconferência, observe os detalhes que vimos anteriormente em suas aulas transmitidas nesse formato. Preste atenção nas regras estabelecidas e no seu cumprimento. Anote o que achar mais importante sobre o andamento, a transmissão e os recursos usados, para avaliá-los quando for necessário.

3.3 EAD VIA INTERNET

O fascínio que a internet exerce sobre as pessoas pode estar relacionado à liberdade e à capacidade que esta ferramenta nos oferece de nos relacionarmos com o tempo e com o espaço de uma forma muito mais flexível.

Wolton (2003) acredita que as novas tecnologias e a internet detêm a liderança nesse processo, alimentando no imaginário social do final do século XX mitos e utopias revolucionárias, especialmente nos jovens, encorajando o “faça você mesmo”, as capacidades de ação e criação. Segundo esse autor, três palavras são essenciais para compreender esse fascínio: autonomia, domínio e velocidade.

Navegar na internet dá ao usuário o poder de agir sem intermediários, filtros, hierarquia e em tempo real, gerando uma sensação de liberdade absoluta, livre das amarras do tempo, num infinito supermercado disponível para o consumo de informação e de comunicação.

É devido à possibilidade de diálogo, da criação de uma comunidade virtual de aprendizagem, do estabelecimento de uma comunicação em duas vias, independente do tempo e do espaço, e pela facilidade da troca de todo tipo de documentos entre os integrantes de um grupo de aprendizes e professores, que a internet tem se apresentado como um promissor meio para se fazer Educação a Distância.

Em outros tempos, as coisas eram um pouco diferentes. No começo, na década de 1960, a internet servia aos EUA como meio de comunicação militar em tempos de Guerra Fria. Com a apropriação social desta tecnologia, a internet pôde começar a servir diversos setores da sociedade, entre eles, a educação. A internet acrescentou aos projetos de Ensino a Distância ferramentas valiosas que, com uma exploração profunda, enriqueceram o seu conceito.

Há pouco mais de dez anos, a Internet era apenas uma nova tecnologia. Usada raramente nas escolas e em alguns negócios, ela exigia um grau mais elevado de conhecimento para navegação e alcançava mais ou menos 100 pontos de interligação no mundo. Hoje existem milhões de pontos interligados em todos os cantos mundo, um ambiente fácil, colorido, interativo e estimulante. Não há como negar que, em tão pouco tempo, um enorme crescimento e avanço abriu um vasto mundo de informação e aprendizagem!

As tecnologias interativas vêm evidenciando, sobretudo na Educação a Dis-

tância, o que deveria ser o cerne de qualquer processo de educação: a interação e a interlocução entre todos os que estão envolvidos nesse processo. Na medida em que avançam as tecnologias de comunicação virtual, o conceito de presencialidade também se altera. Podemos ter professores externos compartilhando as aulas, professor de fora entrando com sua imagem e voz na aula de outro professor. Com isso, há possibilidades de maior intercâmbio de saberes, uma vez que cada professor pode colaborar com seus conhecimentos específicos no processo de construção do conhecimento, muitas vezes a distância.

Características

Entre as diversas apropriações de tecnologias para EaD, encontram-se os Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem (AVEAs), que têm o objetivo de permitir que conhecimentos sejam disponibilizados a diferentes grupos de estudos de forma mais rica e interessante, utilizando recursos multimídia da internet. Catapan, Mallmann e Roncarelli (2006) sugerem a utilização dessa definição, acrescentando ensino ao antes chamado Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA. Para os autores, AVEAs são “sistemas que integram diversas ferramentas de comunicação digital, organizadas em uma proposta pedagógica”.

Para Galvis (1992, p. 52) o ambiente de aprendizagem se configura como “um sistema que fornece suporte a qualquer tipo de atividade realizada pelo aluno, isto é, um conjunto de ferramentas que são usadas em diferentes situações do processo de aprendizagem”.

Outra autora, Santos (2003, p. 224) afirma que os AVAs (ou AVEAs) “agregam interfaces que permitem a produção de conteúdo e canais variados de comunicação; permitem também o gerenciamento de banco de dados e o controle total das informações circuladas pelo ambiente”.

Também para o JISC (Joint Information Systems Committee), instituição inglesa que oferece consultoria na área de tecnologias de informação para instituições de ensino, o termo AVA (ou AVEA) refere-se aos componentes das ferramentas dos sistemas, nas quais alunos e tutores participam de vários processos de interação *on-line*, inclusive de atividades de ensino-aprendizagem.

Brandon Hall (apud Keegan et al. 2002, p.28) define um AVA (ou AVEA) como:

Um *software* concebido como uma solução “tudo em um”, podendo facilitar a aprendizagem *on-line* numa organização. Inclui as funções de um sistema de gestão de aprendizagem para os cursos do ambiente de aprendizagem, mas poderá não estar apto a localizar cursos *on-line* que não tenham sido criados.

Podemos sintetizar que um AVEA é o espaço em que as interações e a facilitação da aprendizagem acontecem de forma organizada, no ciberespaço.

O AVEA permite integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos; apresentar informações de maneira organizada; desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento; elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. Isso tudo porque o AVEA não é apenas um ‘*software* usado no ensino’. É, sim, uma plataforma virtual pedagogicamente elaborada para o amplo desenvolvimento da aprendizagem.

As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado *design educacional*, o qual constitui a espinha dorsal das atividades a realizar. O *design* educacional de um AVEA é revisto e reelaborado continuamente no andamento da atividade (ALMEIDA, 2003).

Gamez (2004, p.44) destaca que grande parte dos AVEAs hoje existentes, comercializados ou não, não tem a intenção de simplesmente reproduzir o ambiente de sala de aula, transferindo-o para o espaço virtual, mas fornecer tecnologias para proporcionar aos alunos novas ferramentas que facilitem a situação de aprendizagem.

Para o autor, “esses ambientes procuram abranger um alcance maior de diferentes metas e estilos de aprendizagem, encorajando o aprendizado colaborativo baseado em recursos que permitem um maior compartilhamento da informação”.

Esses espaços virtuais de aprendizagem oferecem condições permanentes de interação entre os seus usuários. A hipertextualidade facilita a propagação da colaboração e da cooperação entre os seus participantes, para fins de aprendizagem. A conectividade garante o acesso rápido à informação e à comunicação interpessoal, em qualquer tempo e lugar, sustentando o desenvolvimento de projetos colaborativos. **A interatividade, a conectividade e a hipertextualidade garantem o diferencial dos ambientes virtuais para aprendizagem individual e também em grupo.**

Uso na EaD

A adoção desses ambientes, apoiados pelas TICs, permite que ocorra mais facilmente o processo de ensino-aprendizagem através da mediação pedagógica entre os integrantes do curso (alunos, professores e agentes de EaD), geograficamente dispersos.

Para ser eficiente, um AVEA deve apresentar uma interface visual amigável. Com recursos gráficos e textuais bem legíveis; uma boa condição de navegabilidade entre as páginas, totalmente interativa, que atenda aos alunos de modo eficaz. Em qualquer espaço do ambiente, devem ser oferecidas contribuições que possam desenvolver as habilidades, conhecimentos e interesses dos seus usuários (Silva, 2001).

Obviamente, não podemos analisar os AVEAs apenas como ferramentas tecnológicas. É necessário avaliar as concepções de comunicação e de aprendizagem utilizadas pelos autores e gestores da comunidade de aprendizagem.

Nesse espaço virtual, alunos, tutores e demais agentes envolvidos em processos de Educação a Distância têm acesso a conjuntos variados de ferramentas para interação e comunicação, como o correio eletrônico, *chats*, fóruns etc.

Algumas características importantes de AVEAs são citadas por Maia e Garcia (2000). Conforme colocado pelos autores, os AVEAs:

- » oferecem independência monitorada aos aprendizes;
- » enfatizam a aprendizagem;
- » integram sistemas interativos e comunicativos visando a um propósito educacional;
- » dão suporte a diferentes estratégias didáticas que buscam a participação ativa e significativa dos alunos;
- » abrangem possibilidades didáticas de aprendizagem tanto individuais como coletivas;
- » oferecem possibilidades de escolha sobre quais caminhos podem levar à aquisição do conhecimento;
- » abrem possibilidades de exposição de opiniões e da produção intelectual de seus usuários e
- » abrem possibilidades de acesso a outros endereços na internet, como forma de expansão e enriquecimento de conhecimentos



Como você viu durante a oficina virtual que você fez antes de iniciarem as Disciplinas do primeiro semestre, o AVEA do seu curso é estruturado com base na Plataforma Moodle (LMS – Learning Management System). O Moodle é um Sistema de Gestão de Aprendizagem em trabalho colaborativo que foi criado em 2001 pelo educador e cientista computacional Martin Dougiamas. Todo esse Sistema, vale dizer, é baseado em uma proposta pedagógica socioconstrutivista.

A plataforma educacional Moodle é, na verdade, um ambiente de código aberto, livre e gratuito. É um *software* utilizado para produzir e gerenciar atividades educacionais baseadas na internet, disponibilizando: avaliação do curso, *blogs*, *chats*, diários, fóruns, gestão de conteúdos, glossário, lição, materiais educacionais, pesquisas de opinião, questionários, rótulos/legendas, tarefas, *workshop*, etc. Com todas estas ferramentas, há possibilidades de aplicação em diferentes práticas pedagógicas!

Como é um programa livre (*open source*), ou seja, que tem seu código aberto, qualquer pessoa devidamente habilitada e com conhecimento em programação pode aprimorar e adicionar novas ferramentas ao Moodle, beneficiando os usuários do sistema. É possível “baixá-lo”, usar, modificar e distribuir conteúdo, seguindo apenas os termos estabelecidos pela *General Public License – GNU*. Ele pode ser executado sem nenhum tipo de alteração, em sistemas operacionais que suportam a linguagem PHP.

Atualmente, o Moodle possui uma ampla e diversificada comunidade de usuários em 195 países e está disponível em 70 idiomas, entre eles: alemão, árabe, catalão, chinês (simplificado e tradicional), dinamarquês, eslovaco, espanhol (da Espanha, do México, da Argentina e outras versões caribenhas), finlandês, francês (da França e do Canadá), grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês (GB e USA), italiano, japonês, norueguês, polonês, português (Portugal e Brasil), romano, russo, sueco, tailandês, tcheco e turco.

A internet e o uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem ampliam a presença da chamada “multimídia” na EaD, que apareceu com a chegada do computador.

A GNU, Licença Pública Geral, garante a liberdade de compartilhar e alterar *softwares* de livre distribuição, tornando-os de livre distribuição também para quaisquer usuários.

PHP, atualmente, é a sigla para Hypertext Preprocessor, mas originalmente significou Personal Home Page, e se destaca entre as linguagens por ser multiplataforma (enquanto outras rodamos somente em uma plataforma), ou seja, aceita vários sistemas operacionais, como Windows, Unix, Linux, etc. Além disso, ela é de fácil aprendizado, pois permite a conexão direta com uma grande quantidade de bancos de dados relacionais.

Saiba Mais



Para saber mais sobre Moodle, acesse <http://www.moodle.org>

Se você quer aprender mais sobre o conceito de “virtual” não deixe de visitar: pt.wikipedia.org/wiki/virtual.

Sobre Ambientes Virtuais de Aprendizagem, pesquise em:

<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5.pdf>

<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/072-TC-C2.htm>

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/innov.htm>

Acessos em 24 set. 2007.

Resumo da unidade:

Nesta Unidade, você teve a oportunidade de conhecer as diversas mídias utilizadas em EAD, bem como conhecer as suas características e as suas aplicações nesta modalidade de educação.

Com certeza, você pôde constatar o quanto o material impresso é importante na EaD! Ele ainda é uma das mídias mais utilizadas nesta modalidade de educação. Sem dúvida, este material marcará a sua trajetória de estudos, uma vez que a sua familiaridade em relação a ele provavelmente é maior do que com outras mídias. O material impresso será uma ferramenta indispensável, que irá garantir que você possa efetivamente estudar em qualquer hora e lugar!

Outras mídias importantes em EaD são a videoconferência, a internet e o AVEA. Estas mídias permitirão que você interaja em tempo real (ou não!) com os seus colegas de outros polos, professores e tutores. É importante que você construa uma familiaridade com as características e as aplicações destas mídias, pois elas serão utilizadas com frequência no decorrer do curso. Conhecê-las irá permitir que você se sinta cada vez mais confortável e à vontade para utilizá-las!

Atividade de Aprendizagem – 4



Nesta atividade, você vai retomar as suas anotações feitas na Atividade de Aprendizagem 3, da Unidade 2. Volte ao *site* da instituição participante do sistema UAB que você selecionou. A seguir, veja a relação das mídias utilizadas nos cursos e como elas são aplicadas, e compare com o que você leu nesta Unidade. Discuta com seus colegas no Fórum Atividade 4, colocando as suas opiniões sobre o uso dessas mídias na instituição selecionada: você acha que este uso está adequado? Por quê? Disserte sobre o assunto e publique seu texto no AVEA..



Para enriquecer a sua discussão no Fórum, leia o texto “Gestão e uso de Mídias em projetos de Educação a Distância”. Este artigo foi redigido pela professora Vani Kenski, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e encontra-se disponível no endereço:

http://www.pucsp.br/ecurriculum/artigos_v_1_n_1_dez_2005/vanikenskiartigo.pdf

Acesso em 25 set. 2007.

Atividade de Aprendizagem – 5



Você agora já deve estar familiarizado com o AVEA do seu curso. É neste espaço virtual que as principais interações acontecem. Você concorda com essa afirmação? Por quê? A partir de suas reflexões, crie um pequeno texto (pode ser em PowerPoint, inclusive) em que você irá apresentar o AVEA a um colega que acabou de entrar no curso. Por uma razão qualquer, seu colega não tem o material impresso em mãos para saber o que é e como funciona o AVEA. Como você o introduziria nesse ambiente virtual? Quais dicas você daria para ajudá-lo a compreender rapidamente a Plataforma? Quais ferramentas do AVEA são indispensáveis para que seu colega possa interagir com os tutores, professores e com todos os colegas de Curso?

Publique seu texto no espaço específico disponibilizado no AVEA da disciplina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. J.; ALMEIDA, M. E. B. **Educação a distância em meio digital: novos espaços e outros tempos de aprender, ensinar e avaliar.** Miami: Virtual Educa, 2003.

CATAPAN, Araci Hack; MALLMANN, Elena; RONCARELLI, Doris. Ambientes virtuais de ensino: aprendizagem desafios na mediação pedagógica em educação a distância. In: CONGRESSO NACIONAL DE AMBIENTES HIPERMÍDIA (CONAHPA), 4, 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <<http://www.conahpa.ufsc.br>> Acesso em 25 set. 2007.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didactica magna.** 1657. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/didaticamagna.html>>. Acesso em 13 set. 2007.

GADOTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. A educação começa por um encontro [Prefácio]. In: GOMEZ, Margarida Victoria. **Educação em rede: uma visão emancipadora.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004. p.13-19. (Guia da escola cidadã).

GALVIS, A.H. **Ingeniería de software educativo.** Santafé de Bogotá: Ediciones Uniandes, 1992.

GAMEZ, Luciano. **A construção da coerência em cenários pedagógicos on-line.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/5411.pdf>>. Acesso em 12 jun. 2007.

GARCIA ARETIO, L. **Educación a distancia hoy.** Madrid: UNED, 1994.

GUTIÉRREZ PEREZ, Francisco; PRIETO CASTILLO, Daniel. **La mediación pedagógica:** apuntes para una educación a distancia alternativa. S. José, Costa Rica: Rádio Nderland Training Center, División de RNI, 1991.

HOLMBERG, Borje. The evolution of the character and practice of distance education. **Open Learning**, London, v.10, n. 2, p. 47-53, jun. 1995(b). Disponível em: <<http://www.unioldenburg.de/zef/cde/found/holmbg95.htm>> Acesso em: 15 out. 2006.

JISC (Joint Information Systems Committee).

Disponível em: <<http://www.jisc.ac.uk>> Acesso em: 12 jun. 2007

KEEGAN, Desmond et al. E-learning : o papel dos sistemas de gestão da aprendizagem na Europa. Coord. Ana Dias Carina Baptista. Lisboa: **INOFOR**. V.278, 6, 2002. (Formação à distância & e-learning. Livro técnico ; 1)

LANDIM, C. M. P. F. **Educação a distância**: algumas considerações. Rio de Janeiro, 1997.

MAIA, C.; GARCIA, M. “O trajeto da Universidade Anhembi Morumbi no desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem”. In: MAIA, C. (Coord.). **EaD.br: educação a distância no Brasil na era da internet**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância**. 2002. Disponível em: < <http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm> >. Acesso em 13 abr. 2007.

NEDER, Maria Lucia Cavalli; POSSARI, Lucia Helena V. Oficina para produção de material impresso. In: MARTINS, Onilza Borges (Org.). **Curso de formação em educação a distância**: educação e comunicação em educação a distância. Módulo 3, Curitiba : UNIREDE, 2001.

SANTOS, E. O. dos. “Articulação de saberes na EAD online: por uma rede interdisciplinar e...” In: SILVA, M (Org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Edições Loyola, 2003. parte 2. p. 217-230.

SCHEIMBERG, Marta. Educação, comunicação e rádio. In: LITWIN, Edith. **Tecnologia educacional**: política, história e propostas. Porto Alegre: ART-MED, 1995.

SILVA, M. **Educação online**: teorias, práticas, legislação e formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2001.

VERAS, Dauro. **Material Impresso na Educação educação a distância**: estratégias de concepção e redação. Disponível em: < <http://www.dauroveras.f2s.com/ead.htm> >. Acesso em: 15 out. 2001.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.





4

“Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam juntos, na transformação do mundo.”

PAULO FREIRE

Ao analisarmos estas frases de Freire (1997, p. 68), percebemos que só existe educação se dois ou mais indivíduos estiverem interagindo e colaborando entre si, transformando o mundo. Ou seja, para que uma aprendizagem significativa aconteça é fundamental construir um ambiente colaborativo, no qual todos (e cada um) se posicionem como aprendizes e, ao mesmo tempo, estejam dispostos a trocar e a ensinar.

Na EaD, acontece um processo de apropriação tecnológica do ensino. Por meio da internet, controem-se ambientes colaborativos de aprendizagem, os chamados Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem (AVEAs).

Então, em uma experiência como esta em que você se encontra (estudando à distância, com seu computador conectado à internet), é necessário que você esteja consciente de algumas questões, como veremos nas próximas seções.



Você já estudou na Unidade 1 as várias especificidades da EaD. Agora, você irá aprofundar algumas questões relativas à aprendizagem ao estudar a distância.

4.1 APRENDIZAGEM

Para que possamos entender como aprendemos, principalmente neste novo contexto – EaD via internet interativa e colaborativa –, precisamos ter clareza de alguns conceitos como aprendizagem, estilos de aprendizagem, colaboração e cooperação.

Começemos, então, pelo o que entendemos por aprendizagem. A palavra aprendizagem origina-se do latim *apprehendere* e designa a ação de **aprender**, tomar conhecimento (CUNHA, 1982, apud TORRES, 2002, p. 38). A aprendizagem está mais centrada na figura do aluno, que é o sujeito da construção de seu conhecimento (TORRES, 2004, p. 38).

Aprender significa adquirir, apoderar-se. Quem aprende algo apodera-se desse algo. Aprender é uma ação dinâmica que se estabelece entre um conhecimento já aprendido e um novo a adquirir. Assim, quem aprende algo é capaz de extrapolar esse conhecimento.

Para que a aprendizagem aconteça de modo efetivo, é preciso ter contato com o novo conhecimento, reconhecê-lo e explorá-lo. Isto acontece internamente, mas também depende de estímulos externos. A aprendizagem significativa implica mudança, pois os novos conhecimentos e as novas habilidades que adquirimos nos levam a ver o mundo com novos olhos e a adotar novos comportamentos. Mas, atenção: a aprendizagem só acontece quando o indivíduo está profundamente envolvido e motivado para esse processo.

HABILIDADES E QUALIDADES

Aprender a distância vai exigir de você esforço contínuo em aquisição de habilidades e qualidades fundamentais para o seu desenvolvimento profissional. Observe o quadro que segue:

HABILIDADES E QUALIDADES COGNITIVAS	Inteligência
	Cálculo
	Leitura/escrita
HABILIDADES E QUALIDADES AFETIVAS	Motivação
	Capacidade de pedir ajuda
	Autoconfiança
	Capacidades de aceitar críticas
	Senso de humor
	Gerenciamento de <i>stress</i>
	Controle da ansiedade diante de avaliações (provas ou exames)
HABILIDADES E QUALIDADES DE GERENCIAMENTO	Capacidade de lidar com o seu emprego/trabalho
	Gerenciamento das demandas familiares
	Saber definir prioridades
	Saber criar um bom ambiente de estudo

Quadro 4.1 – Habilidades e Qualidades necessárias ao Aprendizado a Distância
 Fonte: Adaptado de Willis (1994)

Além de investir no desenvolvimento das qualidades e habilidades relacionadas acima, Willis (1993) destaca alguns desafios para o aluno a distância, os quais precisam ser encarados e vencidos. Alguns destes “desafios” são:

✓ **Tornar-se e manter-se responsável por si mesmo, por seu processo de aprendizagem.**

Eis um desafio diretamente relacionado à motivação. Você precisa sentir-se motivado a estudar! Portanto, quando você perceber que a sua motivação está em baixa, não hesite: entre em contato com os seus colegas, escreva para os seus tutores, proponha questões de debate para os seus professores. Anime-se! Dessa forma, você será o principal agente do seu processo de aprendizagem.

✓ **Conhecer os seus pontos fortes e fracos, qualidades e limitações.**

Mantenha-se em constante autoavaliação, estabeleça objetivos e metas realistas, concretas! E nunca deixe de contar com o apoio dos seus professores.

✓ **Manter e aumentar a autoestima.**

Reconheça e valorize cada pequena conquista e o esforço que você fez para atingi-la.

✓ **Relacionar-se com os outros.**

Participe ativamente de atividades em grupo e busque relacionar-se com colegas também informalmente, mesmo que somente a distância.

✓ **Ter clareza sobre o que está realmente aprendendo.**

É preciso que você reflita e analise o que está sendo estudado, tendo certeza que entendeu o que já foi visto, antes de seguir em frente com o estudo de novos conteúdos.

✓ **Lidar com o conteúdo**

Defina um plano de estudos e administre as atividades propostas, adequando a sua realização ao tempo que você possui para se dedicar aos seus estudos. Procure sempre associar a sua aprendizagem à sua prática diária.



Como você pode notar, estudar a distância implica um alto grau de comprometimento consigo mesmo, com os seus propósitos e objetivos. Você, como o principal agente dessa experiência de aquisição de novos conhecimentos, deve estar sempre atento às suas necessidades e dificuldades, e em constante processo autoavaliativo. Procure tornar toda essa jornada a mais prazerosa e enriquecedora possível para você mesmo!

Para avaliar o seu grau de preparação para estudar a distância, responda as questões que disponibilizaremos no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem desta Disciplina e identifique qual é o seu perfil. A partir dos resultados deste questionário, você vai perceber, também, que existem algumas questões “técnicas” que são fundamentais para o processo de aprendizagem em ensino à distância. Para relembra-las, releia o item que trata deste assunto no Guia do seu Curso.

Veja que, além do acesso ao computador com as configurações especificadas no Guia, você precisará ter certo domínio das seguintes ferramentas:

- processador de textos (Word, Open Office Text Doc, etc);
- navegador (Internet Explorer, Netscape, etc);
- correio eletrônico/*e-mail* (Outlook, Eudora, etc).

Caso você tenha dificuldades com relação ao uso dos *softwares* que precisará para estudar a distância, uma boa opção é acessar Tutoriais ou ferramentas “Ajuda”, disponíveis nos próprios *softwares*. Uma outra opção é pesquisar, em ferramentas de busca como o Google (www.google.com.br), informações sobre o programa.

ESTILOS DE APRENDIZAGEM

As pessoas encaram os seus momentos de estudo de forma distinta: cada um tem um modo de se organizar, estudar, aprender e ensinar. São essas idiosincrasias que influenciam e diferenciam o processo de aprendizagem de cada um. Tais particularidades no modo como estudamos e aprendemos podem estar associadas aos Estilos de Aprendizagem, que são as diferentes abordagens ou caminhos que cada indivíduo pode traçar para aprender.

Por exemplo, Alonso (1994 apud PORTILHO; TORRES, 2004) define Estilos de Aprendizagem como os traços cognitivos, afetivos e fisiológicos que servem de indicadores relativamente estáveis de como os alunos percebem, interagem e respondem a seus ambientes de aprendizagem. A autora defende que existem quatro estilos: o ativo, o reflexivo, o teórico e o pragmático.

Já o psicólogo Howard Gardner, da Universidade de Harvard, em seu livro *Inteligências Múltiplas – A Teoria na Prática* (lançado no Brasil em 1995), destaca que os indivíduos não possuem uma inteligência fixa, mas, pelo menos, sete diferentes modos de aprender que podem ser desenvolvidos ao mesmo tempo. Para esse autor, os sete principais estilos de aprendizagem são:

- **Físico:** são pessoas inquietas, que raciocinam melhor quando seus corpos estão em movimento. Interagem melhor com o mundo através do contato manual e corporal, o que lhes concede boa coordenação motora e habilidade física.
- **Intrapessoal:** são pessoas solitárias, que se relacionam melhor com o mundo sob uma ótica independente e através da auto-reflexão. Têm um raciocínio lógico muito apurado, são reflexivos e gostam de escrever e pesquisar (e explorar a internet!).
- **Interpessoal:** são pessoas que se relacionam melhor com o mundo através de suas interações com os outros e adoram viver rodeados de gente. Rendem mais trabalhando em grupos e gostam de ajudar, ouvir e dar opiniões.
- **Linguístico ou Verbal:** essas pessoas relacionam-se melhor com o meio através da linguagem e causam impactos quando se

expressam através da fala ou escrita. Têm uma excelente memória, uma boa fluência verbal e facilidade para se expressar.

- **Matemático:** são pessoas que se relacionam melhor com o mundo através do raciocínio, números, padrões e sequências. Têm um raciocínio lógico muito apurado e conseguem assimilar facilmente a realização de processos complexos.
- **Musical:** são pessoas que se relacionam com o mundo através dos sons e ritmos sonoros e gostam de cantar, interpretar e escrever músicas.
- **Visual:** são pessoas que se relacionam com o mundo através de pinturas e imagens. Têm um talento natural para as cores e para harmonização de ambientes.



“Estilos de Aprendizagem” é um tema que tem sido amplamente explorado por muitos pesquisadores. Leia mais sobre este tema no artigo “Estilos de Aprendizagem: em busca das diferenças individuais”, disponível na Biblioteca Virtual desta Disciplina.

Para a psicopedagoga Jody Whelden (1996), **cada estilo de aprendizagem é como um instrumento numa orquestra. Os aprendizes precisam saber quais são os seus instrumentos e como eles se combinam na orquestra.**

Whelden (1996) utiliza como referência os seis estilos de aprendizagem descritos por Dawna Markova, que resultam da combinação das diferentes formas de percepção (visual, auditiva e sinestésica) e estados de consciência (consciente, subconsciente e inconsciente). A abordagem dessa psicopedagoga está centrada na educação infantil, mas, mesmo assim, nos traz uma metáfora interessante para pensarmos sobre a combinação dos diferentes estilos de aprendizagem.

O que deve ficar claro sobre estilos de aprendizagem é que cada um tem um estilo próprio, só seu, de aprender. Quanto mais você souber sobre as maneiras pelas quais você aprende melhor, mais você estará aprendendo a aprender.



Se você ficou curioso, tente identificar o seu estilo de aprendizagem fazendo o Inventário de Estilos de Aprendizagem proposto na matéria de Dulce Magalhães. Acesse o endereço abaixo e confira!

[http://www.ccuec.unicamp.br/ead/index_html?foco2=Publicacoes/78095/791105
&focomenu=Publicacoes](http://www.ccuec.unicamp.br/ead/index_html?foco2=Publicacoes/78095/791105&focomenu=Publicacoes)

Acesso em 18 set. 2007.

COOPERAÇÃO E COLABORAÇÃO

Muitos autores tratam “cooperação” e “colaboração” como sinônimos, ao contrário de outros, que distinguem amplamente esses dois conceitos. Para Moraes e Paz-Klava (2005), por exemplo, é de fundamental importância a compreensão das diferenças entre cooperação e colaboração, sobretudo no que diz respeito a esses dois conceitos no contexto de formação de uma comunidade virtual de aprendizagem. De acordo com essas autoras, em termos práticos:

- » A colaboração é um pressuposto moral, em que o que mais vale é o fato de cada um estar disposto a ajudar o outro, e o grupo, a crescerem juntos e, independente daquilo ser valioso ou não, a descoberta é simplesmente dividida com o parceiro.
- » A cooperação acontece quando temos que atingir uma meta juntamente com um parceiro, caracterizando um “trabalho em equipe”, em que a divisão de informações faz parte do processo.

Desse modo, é possível compreender que “colaboração” significa uma postura de cada indivíduo diante de outros indivíduos, e a “cooperação” uma estratégia de trabalho.

As posturas colaborativas possibilitam o desenvolvimento de práticas cooperativas e favorecem a experiência de um processo de aprendizagem bem sucedido. Esta é uma postura fundamental para que a comuni-

dade se torne ainda mais consistente.

No entanto, para Roschelle e Teasley (1995 apud BRNA 1998), “o trabalho cooperativo é realizado através da divisão do trabalho entre os participantes, como uma atividade onde cada pessoa é responsável por uma porção da solução do problema”. Colaboração envolve, portanto, o “empenho mútuo dos participantes em um esforço coordenado para juntos solucionarem o problema”.

Maçada e Tijiboy (1997), por sua vez, comentam que

- » o conceito de cooperação é mais complexo que o de interação e de colaboração pois além de pressupor ambos requer relações de respeito mútuo e não hierárquicas entre os envolvidos, uma postura de tolerância e convivência com as diferenças e um processo de negociação constante. Assim, a diferença fundamental entre os conceitos de colaboração e cooperação reside no fato de que para haver colaboração o indivíduo deve interagir com o outro, existindo ajuda – mútua ou unilateral. Para existir cooperação, deve haver interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas.

Para estes autores, a colaboração envolve uma “atividade sincrônica, coordenada, que é resultado de uma contínua tentativa de construir e manter uma concepção partilhada (conjunta) de um problema.”



Como você já deve estar percebendo, estudar a distância exige motivação e autonomia. É preciso estar preparado para estudar em um novo contexto, no qual, em muitos momentos, você poderá se sentir sozinho e cheio de dúvidas. A solidão é facilmente contornável. Frequente o AVEA do Curso, participe do Intervalo Interativo. É pelo AVEA que você vai interagir com seus colegas e tutores, resolver suas dúvidas e experimentar de fato a aprendizagem colaborativa. Para que isso aconteça e você se sinta à vontade, é importante que você se prepare para as novidades e encare os desafios que listamos nas unidades anteriores. Para ajudá-lo, vamos

apresentar algumas estratégias de organização do tempo, do espaço de estudo, etc., que vão facilitar a sua vida como estudante a distância. Vamos encarar esse desafio juntos!

4.2 DICAS E ESTRATÉGIAS PARA APRENDER E ESTUDAR A DISTÂNCIA

Como você planeja organizar de seus estudos para este Curso? Nesta seção, iremos tratar do modo como você dispõe e prioriza o seu tempo para os estudos.

TEMPO DE ESTUDO

Definir o seu tempo e o seu espaço para estudar é fundamental para garantir o seu sucesso em qualquer Curso. Então, vejamos algumas dicas e estratégias que podem ajudá-lo a estudar a distância. Leia com atenção as questões do autodiagnóstico (NORTHEEDGE, 1998) apresentadas a seguir e anote as suas respostas. Procure dissertar sobre essas questões, apontando para o seu *modus operandi* em relação ao seu tempo.

- ✓ Diferencio com clareza as atividades urgentes das importantes?
- ✓ Dedico parte significativa de meu tempo para as atividades importantes?
- ✓ Reviso continuamente minha escala de valores para usar melhor meu tempo?
- ✓ Tenho clareza do valor do tempo em minha vida?
- ✓ Utilizo bem cada momento disponível?
- ✓ Adiciono valor ao tempo que tenho à minha disposição?

Refleta com cuidado sobre suas respostas e conscientize-se de que o tempo é o único recurso não reciclável que recebemos. Podemos usá-lo apenas uma única vez. Por isso, é de extrema importância que você saiba utilizar o tempo que tem à sua disposição de forma consciente. Neste sentido, é fundamental que você:

- ✓ identifique ações importantes e concentre-se nelas;
- ✓ faça uma revisão periódica de valor e determine quais são, de fato, as suas prioridades e
- ✓ discipline-se em relação ao cumprimento de prioridades.

Para saber mais sobre como administrar o seu tempo, leia o texto “Administração do tempo de estudo” (FERNADES et al, 2007), disponível na nossa Biblioteca Virtual.

ESPAÇO DE ESTUDO

Além de organizar o seu tempo, definindo quantas horas e quando você irá estudar, organize também um espaço para realizar seus estudos. Ter o seu próprio espaço regular para estudar não é apenas prático, também é importante para ajudá-lo no processo de aprendizagem. Com certeza, a organização do ambiente reflete-se em nossa mente!

De preferência, escolha um local para seus estudos onde você possa deixar os seus materiais, sem se preocupar em recolher tudo ao final de cada sessão. Esse local deve ter uma mesa e cadeiras adequadas, além de ser bem iluminado e o mais silencioso possível. Ou seja, ao escolher e organizar o seu espaço de estudo, considere as seguintes questões:

a) **Iluminação**

Deve ser adequada, permitindo uma leitura fácil e sem esforço.

b) **Postura/ergonomia**

Selecione uma boa cadeira e uma mesa adequada, pois isso vai evitar o desconforto e as dores nas costas e braços. Se estiver utilizando o computador, dê preferência a uma cadeira de braços, pois estas são mais ergonômicas e facilitam o uso do teclado e do *mouse*, cansando menos.

c) Silêncio/tranquilidade

Algumas pessoas gostam de estudar ouvindo música, outras no silêncio total. O importante é escolher um lugar silencioso, onde você possa estudar com tranquilidade, sem interrupções constantes ou muita circulação de pessoas. Se você estiver estudando em seu local de trabalho, busque uma sala onde possa ficar mais afastado dos barulhos do dia a dia.

d) Equipamentos necessários

Para que você possa acessar todos os conteúdos e materiais disponíveis *on-line*, verifique os equipamentos necessários descritos no Guia do Curso e procure um local onde o computador esteja de acordo com as configurações sugeridas.

Além de escolher o seu espaço de estudo, lembre-se que o seu polo de apoio presencial também é um espaço disponível para você estudar. Não apenas sozinho, mas com a ajuda do tutor presencial e em colaboração com os seus colegas de Curso. Também, no polo, você terá acesso a uma pequena biblioteca, à internet e à Biblioteca Universitária da UFSC. Também está disponível para acesso, a partir do polo, [o Portal Periódico da CAPES](#). Agende com o seu tutor presencial uma oficina para aprender a utilizá-lo.

O Portal Periódico da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) é um serviço que disponibiliza a produção científica atualizada, com mais de 11.419 revistas nacionais e internacionais. O acesso é gratuito para todos os usuários das instituições participantes.

4.3 UTILIZANDO O AMBIENTE VIRTUAL DE ENSINO E APRENDIZAGEM (AVEA)

Nesse ambiente *on-line* você poderá se comunicar de forma síncrona (ao mesmo tempo, como ocorre nos *chats*) e assíncrona (em momentos diferentes; por *e-mail* e em fóruns) com os seus professores ou colegas. Pode comentar as aulas, discutir temas relacionados às disciplinas em andamento em fóruns, enviar sua produção ao professor, compartilhar trabalhos desenvolvidos com os demais colegas, acessar ementas e programas de disciplinas, bibliografias de referência, artigos *on-line* e outras informações importantes para um bom desempenho no Curso. Mecanismos de

colaboração e aprendizagem em grupo são fortemente estimulados no Ambiente, como fóruns especializados por área de conhecimento.

Em função dessas características, o AVEA se configura como um lugar de cooperação, que facilita a aprendizagem, uma vez que cria um espaço em que os alunos interagem uns com os outros, gerando estratégias e integrando novas informações em conhecimento já existente.

No AVEA, os conteúdos serão apresentados hipertextualmente, por meio de apresentações em texto, gráficos, ilustrações, animações e vídeos. Como você já viu antes do início desta Disciplina, durante a Oficina Virtual, o AVEA do seu Curso conta com ferramentas dos seguintes tipos:

- ✓ de colaboração: *chats*, lista de discussão, fórum, etc. A interação com os demais colegas do curso, com os tutores e com os professores será facilitada por estas ferramentas.
- ✓ de apoio: lista de contatos, fale com a monitoria, fale com a tutoria, entre outros. Por meio destas ferramentas, o aluno terá diversas possibilidades de esclarecer suas dúvidas.
- ✓ de pesquisa: bibliotecas, busca no Ambiente de Aprendizagem. As ferramentas de pesquisa expandem e conferem autonomia e independência ao aluno na busca de fontes alternativas de informação.
- ✓ de secretaria: conceitos, agenda, cronograma, informações. Este grupo de ferramentas foi criado para que o aluno possa organizar sua agenda, receber os *feedbacks* ou, ainda, tirar suas dúvidas sobre seu desempenho no curso.

MATERIAL IMPRESSO

Procure utilizar o material impresso de maneira integrada com os demais recursos didáticos, AVEA, videoconferências e os encontros presenciais. Sugerimos que você:

- ✓ anote as dúvidas que surgirem durante a sua leitura, para esclarecê-las com os seus tutores;

- ✓ leia atentamente cada Unidade para entender todo o assunto;
- ✓ preste atenção nos quadros, *links*, glossários e ilustrações, pois eles contêm informações importantes;
- ✓ à medida que for lendo, faça pausas para compreender o que foi lido;
- ✓ tenha o hábito de fazer esquemas e anotações ao longo dos textos;
- ✓ você não aprenderá eficientemente a menos que se torne interessado pelo assunto de alguma maneira. Identifique no conteúdo quais pontos mais lhe interessam e quais têm mais relação com sua atividade profissional e
- ✓ antes de prosseguir, volte ao início de cada Unidade e verifique se atingiu os objetivos. Caso não os tenha atingido, reveja os materiais didáticos ou entre em contato com seu tutor.

Saiba Mais



Uma boa dica de leitura para ajudá-los nos seus estudos é o livro de Andrew Northedge, **Técnicas para estudar com sucesso**, editado em Florianópolis pela Editora da UFSC, 1998.

Leia também o texto de Pirre Lévy sobre a leitura disponível em:
http://www.miniweb.com.br/cursos/miniwebcursos/cursos_miniweb/conhecendo_EaD/botoes/modulos/modulo_3/artigos/somos_texto.html

Acesso em 18 set. 2007.

Resumo da unidade:

Você acaba de completar seus estudos da última Unidade desta disciplina de Introdução à Educação a Distância. Nesta Unidade, você viu que a aprendizagem é um processo pessoal e intransferível, mas que ninguém aprende sozinho. Todos nós aprendemos nos relacionando com outras pessoas e com o mundo.

Sendo assim, aprender a distância jamais poderia significar o isolamento de quem aprende. Muito pelo contrário! Estudar a distância é aprender em relações de cooperação e colaboração com colegas e professores, por meio de tecnologia (seja ela impressa, audiovisual ou virtual).

Mas é claro que, num modelo de EAD, o estudante deve se disciplinar para aprender e para manter suas relações de aprendizagem! Como não há um horário fixo e um espaço (sala de aula) onde um professor supervise as atividades de aprendizagem mais de perto, na EAD você é mais independente e, por isso, muito mais responsável por seus estudos.

Para estudar a distância, é preciso que você identifique seu estilo de aprendizagem (pois, assim, você pode aproveitar melhor suas qualidades e controlar suas dificuldades como aprendiz). Gerencie seus horários e espaço de estudo para tornar esta experiência o mais proveitosa possível.

Disciplina, autonomia e aprendizado de forma colaborativa são palavras-chave no sucesso de seus estudos a distância. Não deixe nenhum exercício pendente. Todas as atividades propostas são muito importantes. Leia, releia, pesquise, aprofunde-se! Você tem todas as ferramentas em suas mãos!

Temos certeza que, seguindo nossas dicas e dedicando-se aos seus estudos, você terá uma prazerosa trajetória de aprendizagem e colaboração. Ótimos estudos!

Atividade de Aprendizagem – 6



Há diferentes formas de aprender e, conforme você viu com Howard Gardner, há sete estilos de aprendizagem básicos que podem ser combinados entre si. Em sua opinião, quais são as condições básicas para que o aprendizado aconteça efetivamente? Pensando no quadro de Howard, em quais estilos de aprendizagem você se encaixa? De que modos eles se combinam? De que maneiras você acha que aprende mais e melhor? Redija sua resposta de forma bem criativa, refletindo sobre todas as questões acima colocadas. Envie seu texto ao seu tutor e aguarde pelo nosso retorno.

Atividade de Aprendizagem – 7



Vamos discutir qual o perfil do aluno a distância, com base em sua experiência nessa modalidade de educação. Participe do *chat* Atividade 7, que será agendado pelo seu tutor presencial.

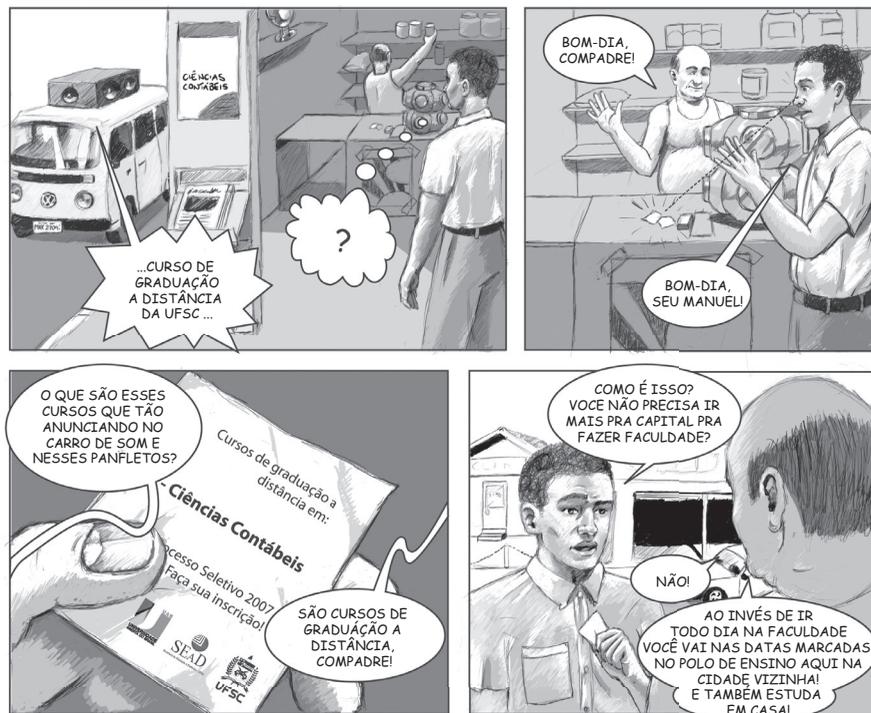
Atividade de Aprendizagem – 8



Chegamos à última atividade desta disciplina!

A história em quadrinhos abaixo nos remete a uma reflexão sobre o nosso curso. A sugestão para esta atividade final é que você produza um texto conciso e objetivo (e ao mesmo tempo subjetivo e singular) sobre os motivos pelos quais você procurou ingressar no curso de Ciências Contábeis. Também escreva sobre o que o levou a escolher esta modalidade de ensino, e não outra. Inclua uma reflexão sobre as expectativas, a imagem que você tinha ao ingressar nesta modalidade de ensino, comparando-a com os resultados que você obteve até agora. Envie seu texto para o seu tutor e aguarde pelo nosso retorno. O texto deverá conter no máximo 30 linhas e deve apresentar introdução, desenvolvimento e conclusão, respeitando as seguintes indicações de formatação:

- espaço 1,5 cm;
- parágrafos;
- margens 2,5 cm superior e esquerda e 3 cm inferior e direita.



REFERÊNCIAS

BRNA, P. Collaborative virtual learning environments for concept learning. **International Journal of Continuing Engineering Education and Life-Long Learning**, Geneve, nº 8, nº 2, 1998.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2000. Versão on-line disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129801por.pdf> > Acesso em: 12 jun. 2007.

FERNANDES, Ehuinder et al. **Não tenho tempo**. Disponível em: < <http://marinhows.files.wordpress.com/2007/04/administracaodotempo.doc> > Acesso em 24 set. 2007.

FREIRE. Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HACK, A. C. et al. **Disciplina de introdução a educação a distância**. Florianópolis: UFSC/ EAD/CED/CFM, 2005.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: teoria e prática**. Porto Alegre: ARTMED, 1995.

MAÇADA, D. L.; TIJIBOY, A. V. **Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos**. In: CONGRESSO RIBIE, 4., 1998, Brasília. **Anais...**

MORAES, M.; PAZ-KLAVA, C. R. **Comunidades interativas de aprendizagem**. Palhoça: UNISUL, 2005.

NORTHEEDGE, Andrew. **Técnicas para estudar com sucesso**. Florianópolis: EdUFSC, 1998.

TORRES, Patrícia Lupion. **Laboratório on-line de aprendizagem: uma proposta crítica de aprendizagem colaborativa para a educação**. Tubarão: Ed. Unisul, 2004

WHELDEN, Jody. **A symphony of learning styles**. OUWEAC.1996 Disponível em: < <http://www.weac.org/kids/june96/styles.htm> > Acesso em: 12 jun. 2007.

WILLIS, Barry. **Distance education: strategies and tools**. Englewood Cliffs (New Jersey): Educational Tecnology Publications Inc., 1994.

